



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA EM
REDE NACIONAL

Silmara da Silva Lobato

**CULTURA NA EPT: o Marabaixo e seus elementos nos registros de projetos de extensão do
Instituto Federal do Amapá (2019 a 2024).**

MACAPÁ - AP

2025

Silmara da Silva Lobato

CULTURA NA EPT: o Marabaixo e seus elementos nos registros de projetos de extensão do Instituto Federal do Amapá (2019 a 2024).

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica
Orientadora: Profª. Dra. Célia Souza da Costa

MACAPÁ-AP

2025

Biblioteca Institucional - IFAP
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

- L796c Lobato, Silmara da Siva
Cultura na ept: o marabaixo e seus elementos nos registros de projetos de extensão do instituto federal do Amapá (2019 a 2024). / Silmara da Siva Lobato - Santana, 2025.
79 f.: il.
- Dissertação (Mestrado) -- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá, Campus Santana, Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica, 2025.
- Orientadora: Dra. Célia Souza da Costa.
1. Marabaixo. 2. Cultura. 3. Projetos de Extensão. I. Costa, Dra. Célia Souza da, orient. II. Título.
-


Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica do IFAP
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Silmara da Silva Lobato

CULTURA NA EPT: o Marabaixo e seus elementos nos registros de projetos de extensão do Instituto Federal do Amapá (2019 a 2024).


Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá, Campus Santana, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **CELIA SOUZA DA COSTA**
Data: 22/12/2025 18:32:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Profª. Dra. Célia Souza da Costa

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá

Documento assinado digitalmente
 **DAVID FIGUEIREDO DE ALMEIDA**
Data: 22/12/2025 18:19:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. David Figueiredo de Almeida.

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Amapá



Prof. Dr. Albert Alan de Sousa Cordeiro

Universidade Federal do Amapá

Aprovado em: 22 /09 /2025

Silmara da Silva Lobato

Cartilha Educacional: “VEM CONHECER MARABAIXO”

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá, Campus Santana, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Documento assinado digitalmente



CELIA SOUZA DA COSTA

Data: 22/12/2025 18:32:31-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Dra. Célia Souza da Costa

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá

Orientadora

Documento assinado digitalmente



DAVID FIGUEIREDO DE ALMEIDA

Data: 22/12/2025 18:19:18-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. David Figueiredo de Almeida.

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Amapá

Prof. Dr. Albert Alan de Sousa Cordeiro

Universidade Federal do Amapá

Para minha família, que é meu alicerce;
Para meu povo amapaense, a quem tanto amo;
Para as pretas e pretos que deixaram para nós
uma rica herança ancestral, construída e
mantida com muito suor e luta.

AGRADECIMENTOS

Um trabalho como esse jamais seria feito se não houvesse pessoas que acreditam no meu potencial (às vezes mais que eu mesma), que me incentivam, que se dedicam a me apoiar incondicionalmente e que, às vezes silenciosamente, apenas por sua terna, mas potente existência, me fazem acreditar (como bem disse o poeta) que tudo vale a pena, pois a alma não é pequena. Portanto, deixo aqui registrado minha imensa GRATIDÃO:

A Deus, pela vida, pelo dom, por tudo que fui, o que sou/serei e por todas as possibilidades e oportunidades que só Tu poderias providenciar pra mim! Gratidão, meu Pai!

Aos meus pais, Idaisa e Antônio, minhas primeiras e maiores inspirações.

Aos meus maravilhosos irmãos: Silvane (in memorian), Silma, Silvana, Sidney e Cristiane. Vocês são os melhores que eu poderia ter!

Ao meu amor, Odnilson Guedes, meu grandão, esposo e parceiro de todas as lutas e vitórias.

Às minhas filhas lindas, Ariel Cristina, Isabel Fernanda e Beatriz Carolyne. Os maiores presentes de Deus em minha vida.

À minha orientadora, a Marabaixeira Professora Dra. Célia Souza da Costa! Gratidão por todo apoio, paciência e partilha! Sangue, Suor e Paixão!

Aos meus colegas da Turma de Mestrado ProfEPT 2023. Juntos, até depois do fim, queridos!

Aos professores do colegiado do ProfEPT no Amapá, vocês são incríveis!

Ao professor Dr. Albert Alan Cordeiro, por tanta gentileza e por aceitar fazer parte da banca examinadora deste trabalho.

Aos meus sobrinhos e sobrinhas, cunhados e cunhadas, sogros. Meu carinho a todos!

Registro ainda toda minha gratidão aos Marabaixeiros que sempre me acolhem com tanto zelo nos barracões e nos festejos, em especial os grupos Raimundo Ladislau, Raízes do Bolão, Marabaixo do Pavão e Raízes do Marabaixo. Aos colegas de trabalho do Instituto Federal do Amapá e da música; aos professores que passaram por minha jornada acadêmica até esse momento e aos meus colegas da Proext-IFAP.

Gratidão, Universo!

“O Marabaixo tá na Natalina, o Marabaixo tá no Julião, o Marabaixo tá na Tia Chiquinha, o Marabaixo tá no Pavão.”

(Enrico Di Micelli e Joãozinho Gomes)

“Anda que a festa é no interior e é Marabaixo a cantiga. Se a noite é longa, com certeza, eu vou, pra Marabaixo é preciso amor...”

(Ronery Brito)

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada no contexto do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT desenvolvida na linha de pesquisa “Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica” com base no macroprojeto “Propostas metodológicas e recursos didáticos em espaços formais e não-formais de ensino na EPT”. Este estudo buscou analisar a presença do Marabaixo e seus elementos nos projetos de extensão, submetidos e concluídos entre os anos de 2019 a 2024, no âmbito do Instituto Federal do Amapá para verificar se essas práticas ajudaram a fortalecer a manifestação como parte integrante da identidade cultural amapaense na Educação Profissional e Tecnológica ofertada no Amapá. A abordagem metodológica escolhida foi a quanti-qualitativa do tipo exploratória, através da qual foi realizada pesquisa bibliográfica para embasamento teórico e análise documental dos registros dos projetos, obtidos através da plataforma do Sistema Unificado de Administração (SUAP). Foram analisados a fundamentação teórica, metodologia, contexto da culminância e a presença dos elementos do Marabaixo nas atividades executadas nos seis projetos coletados, onde restou comprovada a necessidade de mais ações e informações no âmbito do IFAP para o reconhecimento da importância do Marabaixo como identidade cultural amapaense e sua melhor difusão no ambiente escolar da EPT do Amapá. Como resultado, foi constatado a presença escassa do Marabaixo e seus elementos nos projetos de extensão, a ausência de ações de valorização da manifestação como identidade cultural amapaense e a carência de ferramentas educativas para auxiliar nesse processo. O Produto Educacional elaborado com base nesta pesquisa é a Cartilha Digital “Vem conhecer Marabaixo”, que apresenta os principais elementos da cultura marabaixeira, além de personalidades pioneiras e links para acesso a artigos, documentários e vídeos educativos sobre o tema, para que seja utilizada como material de apoio em ações e projetos que envolvam o Marabaixo.

Palavras-chave: marabaixo; cultura; identidade cultural; projetos de extensão.

ABSTRACT

This research was conducted within the context of the Professional Master's Program in Professional and Technological Education (ProfEPT), developed under the research line "Educational Practices in Professional and Technological Education," based on the macroproject "Methodological Proposals and Didactic Resources in Formal and Non-Formal Teaching Spaces in Professional and Technological Education (EPT)." The study aimed to analyze the presence of Marabaixo and its elements in extension projects submitted and completed between 2019 and 2024 within the scope of the Federal Institute of Amapá, in order to verify whether these practices contributed to strengthening this cultural expression as an integral part of Amapá's cultural identity in the Professional and Technological Education offered in the state of Amapá. The methodological approach adopted was exploratory quantitative-qualitative research, through which a bibliographic review was carried out for theoretical grounding, along with documentary analysis of project records obtained from the Unified Administration System (SUAP) platform. The theoretical framework, methodology, context of the culminating activities, and the presence of Marabaixo elements in the activities carried out in the six collected projects were analyzed. The findings demonstrated the need for more actions and information within IFAP to promote recognition of the importance of Marabaixo as an expression of Amapá's cultural identity and to improve its dissemination in the EPT school environment in the state. As a result, the study identified a limited presence of Marabaixo and its elements in extension projects, the absence of actions aimed at valuing this cultural expression as part of Amapá's identity, and a lack of educational tools to support this process. The Educational Product developed based on this research is the digital booklet "*Come and Get to Know Marabaixo*," which presents the main elements of Marabaixo culture, as well as pioneering figures and links to articles, documentaries, and educational videos on the subject, intended for use as supporting material in actions and projects involving Marabaixo.

Keywords: marabaixo; culture; cultural identity; extension projects.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Dança do Marabaixo	37
Figura 2 – Tocadores de Caixa	38
Figura 3 – Gengibirra	40
Figura 4 – Visão geral da Plataforma SUAP – acesso servidor	44
Figura 5 – SUAP – Módulo Projetos de Extensão	45

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Estado do Conhecimento - #Marabaixo #Educação (2019-2024)	28
Tabela 2 – Quantitativo e Informações Gerais dos Projetos de Extensão	46

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Identificação do Público	53
Gráfico 2 – Avaliação da facilidade na compreensão do conteúdo	53
Gráfico 3 – Avaliação dos recursos complementares utilizados	54
Gráfico 4 – Avaliação da importância do assunto para o contexto da EPT.....	54
Gráfico 5 – Avaliação da Cartilha como Recurso Didático.....	54
Gráfico 6 – Avaliação da linguagem utilizada.....	55
Gráfico 7 – Avaliação do <i>layout</i> e dos Recursos Visuais	55
Gráfico 8 – Avaliação da estruturação do conteúdo.....	55
Gráfico 9 – Avaliação da compreensão geral dos conteúdos.....	56
Gráfico 10 – Avaliação como instrumento de divulgação do Marabaixo nas salas de aula.....	56
Gráfico 11 – Avaliação geral da Cartilha.....	56

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
IFAP	Instituto Federal do Amapá
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
PCI	Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil
ProfEPT	Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica
RFEPT	Rede Federal de Educação Profissional Científica e Tecnológica

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO	16
1	INTRODUÇÃO	18
2	REFERENCIAL TEÓRICO	19
2.1	Cultura	19
2.1.1	Reflexões sobre cultura	19
2.1.2	Diversidade Cultural	20
2.1.3	Identidade Cultural	22
2.1.4	Educação e Cultura	23
2.1.5	O papel da EPT na valorização da cultura	24
2.2	Marabaixo	26
2.2.1	Marabaixo e Educação: Estado do Conhecimento	26
2.2.2	Mar-a-cima, mar-a-baixo	30
2.2.3	Conceitos, preconceito e reconhecimento	32
2.2.4	Elementos	35
3	METODOLOGIA	40
3.1	Procedimentos metodológicos	42
3.2	Sistematização dos Dados	44
3.3	Análise dos dados	45
4	PRODUTO EDUCACIONAL	46
4.1	Elaboração da Cartilha	47
4.2	Avaliação e Discussões	48
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
	REFERÊNCIAS	55
	APENDICE A – CARTILHA “VEM CONHECER MARABAIXO”	58

APRESENTAÇÃO

Me chamo Silmara Lobato, sou artista do Amapá há 30 anos, 26 deles dedicados a um projeto chamado Negro de Nós, banda que traz em seu repertório, músicas que retratam a relação entre a cultura afro-amapaense e a cultura afro-caribenha. Essa credencial artística me proporciona o privilégio de viver experiências culturais incríveis dentro e fora do Amapá. Poder conviver com outros artistas, personalidades, observar/participar de movimentos e ajudar a escrever a história da cultura musical local é, sem dúvidas, algo a agradecer nessa existência.

Um dos maiores privilégios que “ser artista” certamente me trouxe, é estar em sintonia com os acontecimentos culturais amapaenses das últimas três décadas. Nesse sentido, acompanhei atentamente os desdobramentos políticos, ações, nas e das comunidades para a expansão dos conhecimentos e valorização da maior manifestação artístico-cultural do Amapá: o Marabaixo.

O fomento dos barracões e festejos, o aumento da frequência de apresentações dos grupos tradicionais em eventos, popularização de alguns ladrões e inclusão de datas comemorativas no calendário de eventos culturais do estado foram conquistas políticas do povo marabaixeiro junto aos governantes amapaenses. Essas conquistas criaram um ambiente propício para a ampliação do reconhecimento oficial do Marabaixo, dessa vez em âmbito nacional.

Nos últimos anos, acompanhei ainda o crescimento dessas ações em razão do reconhecimento do Marabaixo como Patrimônio Artístico Cultural do Brasil (PCI) pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2018. Recordo com carinho, que estive presente no evento que celebrou esse reconhecimento e que nomeou o Comitê Gestor, formado por mulheres, para serem as guardiãs da tradição e reger o processo de Salvaguarda.

Como servidora Instituto Federal do Amapá (IFAP) há 14 anos lotada na Pró-Reitoria de Extensão, Arte, Cultura e Desporto (Proext), também passei a observar os projetos, realizados nos *campi*, que incluíam elementos do Marabaixo em sua realização. Coordenei um desses projetos, no ano de 2015, que teve reconhecimento nacional através da participação em dois grandes eventos da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica (RFEPT): o Fórum Mundial de Educação Profissional e Tecnológica, realizado na cidade de Recife-PE; e no Congresso Norte-Nordeste de Pesquisa e Inovação, na cidade de Rio Branco-AC.

Ao ser aprovada no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT), encontrei a oportunidade de unir “o útil ao agradável” ao pesquisar sobre o

Marabaixo no contexto de projetos do Instituto Federal do Amapá. Após tantos anos participando de projetos, eventos e atividades de extensão, percebi que chegou o momento de produzir, academicamente, sobre esses assuntos.

Para o embasamento teórico deste trabalho, trago uma reflexão sobre cultura, apoiada essencialmente na visão antropológica de Roque de Barros Laraia, Terry Eagleton, Claude Lévi-strauss e Clifford Geertz que apresentam a cultura como um processo histórico essencialmente humano e dinâmico, resultante das interações sociais. Desse processo deriva a diversidade cultural que é sua subdivisão em perspectivas diferentes e a identidade cultural, inerente ao indivíduo e sua relação de proximidade e pertencimento.

Em seguida localizo o Marabaixo no contexto histórico e social do Amapá, para colocá-lo como elemento da cultura e da identidade cultural do povo amapaense. Discorro acerca dos conceitos sobre seus elementos e em seguida trago uma pesquisa sobre o estado do conhecimento sobre Marabaixo e Educação nos últimos 5 anos realizada no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Faço então uma discussão sobre o Marabaixo na educação, para, por fim, relacionar o Marabaixo na Educação Profissional e Tecnológica.

A problemática evidenciada nesta pesquisa é de que forma o Marabaixo e seus elementos estão presentes nos projetos de extensão do Instituto Federal do Amapá, no período de 2019 a 2024? A hipótese é que esses projetos ajudaram a fortalecer a manifestação como identidade cultural amapaense.

Para realizar essa pesquisa, foram extraídos os dados dos projetos junto aos registros do Sistema Unificado de Administração Pública (SUAP) – em funcionamento para esses registros desde o ano de 2019 – na busca dos editais de fluxo contínuo para projetos de extensão no âmbito do Ifap. No ato da submissão na plataforma, o coordenador explicita sua equipe, seus objetivos, fundamentação teórica e metodologias. Ao final do projeto, demonstra os resultados alcançados com a ação através de registros fotográficos da execução do projeto. São documentos importantes que apontam o antes, durante e depois dessas atividades e que se tornam excelentes fontes de verificação, a partir de suas análises. Esta pesquisa foi feita em uma abordagem quanti-qualitativa, realizada através de análise documental e revisão bibliográfica.

Como produto educacional relacionado a esta pesquisa, elaborei uma Cartilha Educativa chamada “VEM CONHECER MARABAIXO”, onde constam conceitos básicos sobre os elementos do Marabaixo e links para artigos e produções audiovisuais sobre o tema. O produto foi avaliado por professores, alunos e técnicos administrativos da educação profissional e tecnológica e também por marabaixeiros.

Como artista, servidora da EPT e marabaixeira que sou, apresento este trabalho como uma prestação de contas das oportunidades e privilégios que me foram proporcionados por viver nesses ambientes, que aparentemente são diferentes, mas que, na verdade, encerra uma discussão interessante sobre a importância do Marabaixo como instrumento histórico, cultural e educacional amapaense e sua abordagem no processo de formação omnilateral ofertada pela EPT.

1 INTRODUÇÃO

O Amapá, estado instituído a partir da Constituição Federal de 1988, possui traços culturais de origens diversas. No princípio de sua criação, no século XVIII, tratava-se de parte integrante do estado do Pará e que, por sua natureza fronteiriça, foi objeto de disputas territoriais e contestações. Por esta razão, houve a necessidade de ocupar as localidades e fortificar militarmente a margem esquerda do Rio Amazonas. Foi realizada então a transferência da população de uma cidade marroquina para a Vila de Nova Mazagão (Mazagão Velho) e também construída a Fortaleza de São José de Macapá por negros escravizados, indígenas e caboclos. Esses dois fatos são deveras importantes para que possamos compreender o contexto histórico do advento do Marabaixo no Amapá.

Sempre atacado por muitos preconceitos, desde o início de sua prática em terras amapaenses, O Marabaixo resistiu graças a seus pioneiros, que sempre lutaram pela continuidade de sua realização. Os principais ataques vieram da Igreja Católica, que via o lado profano do festejo como uma ofensa à religião. A luta dos marabaixeiros também teve vitórias políticas importantes como a inclusão do Ciclo do Marabaixo no calendário de eventos do estado, a realização do Encontro dos Tambores, a instituição do Dia Estadual do Marabaixo e o reconhecimento como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. Essas foram apenas algumas conquistas que vêm alicerçando o Marabaixo como parte da identidade cultural amapaense nos últimos 30 anos.

Prática que envolve música, dança, culinária e religiosidade, é, da forma como praticado nos dias atuais, uma manifestação cultural genuinamente amapaense. Entretanto, apesar de ser considerado parte da nossa identidade cultural e de sua história ser intimamente ligada à formação do povo e da cultura amapaense, ainda existem muitos obstáculos para seu reconhecimento e popularização, em especial nos ambientes educacionais. Os preconceitos, o desconhecimento da sua importância e a ausência de ações que explorem as possibilidades de sua inserção nos currículos escolares, o deixa em posição apenas acessória, tornando-o apenas uma “apresentação cultural” de entretenimento.

A Educação Profissional e Tecnológica (EPT) apresenta o diferencial de sustentação nos princípios da formação integral e omnilateral. Esses arrimos são a garantia da oferta de uma educação que valorize os diversos aspectos da vida do discente e forme cidadãos conscientes de seu papel no mundo e na sociedade. A partir da atenção às dimensões estruturantes da vida, ela propõe um novo olhar para a educação através da formação integral humana. Nesse sentido,

o ensino, pesquisa e a extensão, práticas indissociáveis na EPT, precisam ser o alicerce dessa omnilateralidade.

No IFAP, instituição que oferta da EPT no Amapá, são lançados, anualmente, editais de ensino, pesquisa e extensão. Alguns contam com fomento, ofertando bolsas a discentes; e outros, de fluxo contínuo, onde é realizada somente a certificação dos participantes. A maioria desses editais não limita temas, tampouco existe má distribuição de oportunidades para as unidades (os *campi* e Reitoria). Os projetos representam boa parte das ações educacionais que acrescentam conteúdos e ações aos parâmetros impostos pela BNCC. Os projetos são submetidos pelos coordenadores na plataforma do Sistema Unificado de Administração Pública (SUAP). No ato da submissão, o proponente lista sua equipe, expõe objetivos e metodologias e, ao final do projeto, registra os resultados alcançados.

A presente pesquisa busca portanto identificar os projetos de extensão do IFAP, submetidos e concluídos no período de 2019 a 2024 e que apontam o Marabaixo e seus elementos como instrumentos metodológicos. A partir da análise dos dados obtidos, será observado o contexto da utilização do marabaixo através da análise da fundamentação teórica, da metodologia e dos registros das ações, para verificar se as abordagens fortalecem e valorizam o Marabaixo como parte da identidade cultural amapaense no ambiente da EPT do Amapá.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Cultura

2.1.1 Reflexões sobre Cultura

Para compreensão da pesquisa realizada, inicio este trabalho com uma breve reflexão sobre cultura. Em busca simples ao vocábulo, foi possível encontrar várias conceituações, pois, conforme pontua Eagleton (2003 p.9), “ela pode ser considerada uma das duas ou três palavras mais complexas de se definir”. As variações inferem que em um momento “cultura” pode significar refinamento, sabedoria, educação, e em outras situações pode traduzir apenas uma de suas manifestações, como que reduzida a este ou àquele aspecto da sociedade.

Eagleton (2003 p.9), revela uma concepção bem interessante ao apontar que “um dos seus significados originais é ‘lavoura’ ou ‘cultivo agrícola’, o cultivo do que cresce naturalmente” mostrando origem simples, mas paradoxalmente complexa do termo, uma vez que “nossa palavra para a mais nobre das atividades humanas, assim é derivada de trabalho e agricultura, colheita e cultivo” (2003 p.9).

A humanidade e suas sociedades são moldadas por elementos culturais desde antes da criação do vocábulo que assim os sintetiza. Laraia (1989, p.771), ao citar Confúcio (século IV a.C.), mostra que este afirmava que “a natureza dos homens é a mesma, são seus hábitos que os mantém separados”, o que sugere que desde a antiguidade, a ideia de cultura já estava presente na construção social da humanidade, porém de forma instintiva.

Laraia, em sua obra *Cultura: um conceito antropológico* (2008, p.25), ao narrar a gênese da palavra cultura e sua primeira definição criada pelo antropólogo Edward Tylor no século XIX, evidencia que ela nasce da fusão de dois termos diferentes, unindo aspectos espirituais e materiais da sociedade:

No final do século XVIII e no princípio do seguinte, o termo germânico *Kultur* era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra *Civilization* referia-se principalmente às realizações materiais de um povo. Ambos os termos foram sintetizados por Edward Tylor (1832-1917) no vocábulo inglês *Culture*, que ‘tomado em seu amplo sentido etnográfico é todo este complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade (Laraia, 2008 p.25)

Já no século XX, Geertz, ao conceituar a cultura, aparta-se da visão meramente biológica ou mesmo relacionada a um simples conjunto de costumes e traz o aprofundamento baseado em um sistema de significados, sendo esse conceito essencialmente semiótico:

Acreditando, como Max Weber, que *o ser humano* é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise: portanto não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa à procura de significado (Geertz, 2008, p. 15, grifo nosso).

A partir desses conceitos, estabeleço como bússola direcionadora deste trabalho, a ideia de que a cultura é a base sobre a qual se constroem internamente as sociedades e como estas se relacionam entre si. É válido salientar ainda que essa construção/relação é processo histórico, conforme Da Matta (1981, p.3) esclarece ao afirmar que:

A cultura parece ser um bom instrumento para compreender as diferenças entre os homens e as sociedades. Elas não seriam dadas, de uma vez por todas, por meio de um meio geográfico ou de uma raça, como diziam os estudiosos do passado, mas em diferentes configurações ou relações que cada sociedade estabelece no decorrer de sua história. (Da Matta, 1981, p.3)

O grupo social diferido de outros por essas configurações também é diverso internamente, pois cada indivíduo carrega em si a forma como foi inserido no grupo e como participa dele, conforme frisa Laraia (2008, p.80), ao afirmar que “a participação do indivíduo em sua cultura é sempre limitada; nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura”.

Ainda mediante as reflexões de Laraia, é válido destacar que:

Embora nenhum indivíduo, repetimos, conheça totalmente o seu sistema cultural, é necessário ter um conhecimento mínimo para operar dentro do mesmo. Além disto, este conhecimento mínimo deve ser partilhado por todos os componentes da sociedade de forma a permitir a convivência dos mesmos (Laraia, 2008, p. 86).

Portanto, ainda que os indivíduos sejam diferentes e não possuam total conhecimento sobre características culturais de seu grupo, existe uma base comum a todos, que é exatamente o liame que permite a convivência e a atuação de cada indivíduo no conjunto social. Mas ainda assim, não se pode obliterar o fato de que a diversidade existe e é um dos fatores mais importantes no contexto social.

2.1.2 Diversidade Cultural

A cultura, esse complexo sistema de atributos e significados adquiridos pelo homem através de sua convivência e coexistência em sociedade é diversa, interna e externamente. Diferentes fatores podem contribuir para essas nuances, quais sejam: contato com outras culturas, localização geográfica, costumes, etc. Entretanto, ainda que exista diversidade interna, esta não se sobrepõe à base comum, conforme pontua Lévi-Strauss (2012, p. 235): “o que se entende por culturas diferentes? Algumas parecem sê-lo, mas, se nascem de um tronco comum não diferem tanto quanto duas sociedades que em nenhum momento de seu desenvolvimento mantiveram relações”.

A diversidade cultural é, portanto, natural da própria cultura uma vez que “a noção da diversidade das culturas humanas não deve ser concebida de uma maneira estática. Esta diversidade não é a de uma amostragem inerte e nem de um catálogo dessecado” (Lévi-Strauss, 2012, p. 235). Nesse sentido, Coelho assim ratifica:

Num processo de evolução histórica, a definição de diversidade cultural surgiu como uma forma de explicar e justificar que as diferenças existem e que precisam ser consideradas no ambiente social, pois se acredita que, em tal contexto, as formas que supostamente levariam à homogeneização cultural com a intenção de demarcar raças superiores e inferiores, cultura superior e cultura inferior, serviriam para contribuir na demarcação da diversidade cultural (Coelho, 2021, p. 44).

Importa destacar que a diversidade cultural apenas distingue perspectivas diferentes, sem hierarquizá-las no contexto social. A aproximação e identificação de indivíduos com grupos e destes com esta ou aquela perspectiva gera pertencimento e, nesse processo, ocorre a construção da identidade.

Ao deslocar essa percepção para a realidade local amapaense, conforme ressalta Coelho (2022, p. 45), é possível perceber que “a evidência da diversidade cultural no estado do Amapá está pautada em diferentes raças e etnias que são responsáveis pela difusão de tal diversidade, com as mais variadas práticas culturais e enriquecidas pelos saberes empíricos de cada um”. A diversidade cultural *tucuju*¹, portanto, é formada a partir dos grupos que já se encontravam nas terras compreendidas entre os rios Oiapoque e Jari e também dos chegaram

¹ É possível compreender tal termo mediante três significados, a saber: (i) um povo indígena extinto da Amazônia Colonial que habitava a região compreendida entre o rio Vila Nova, no Amapá, e o rio Tueré, no Pará; (ii) termo toponímico referente a uma ilha no braço norte do Amazonas, que ora aparece nas fontes históricas como a ilha de Gurupá (PA), ora aparece identificada como a ilha de Santana (AP); (iii) palavra utilizada para se referir à identidade cultural do povo amapaense.” (Oliveira, Wesley Vaz. *Cultura e mercado no Rap Tucuju: uma análise da Máfia Nortista e Nós pur Nós Rec*. Dissertação – UFMG, 2023, p. 14)

desde o século XVIII para “povoar”, trazendo suas diversidades culturais para o Amapá que se tornou “uma unidade federativa que reflete uma cultura carregada de costumes e tradições, considerando seu processo de formação com grande contribuição de índios (*sic*), negros e brancos” (Coelho, 2022, p. 57).

2.1.3 Identidade Cultural

De forma preliminar, é necessário delimitar a definição de identidade. Neste caso, a síntese ideal se dá a partir dos elementos que constituem as pessoas como seres sociais — tanto individual quanto coletivamente. É um processo dinâmico, moldado por origens, experiências e pelas múltiplas formas de como o indivíduo se reconhece e é reconhecido no mundo.

Para estreitar ainda mais esse conceito, pode-se inferir que existe uma identidade pessoal e uma identidade social. A primeira refere-se à leitura que o sujeito tem sobre si como indivíduo e a segunda relativa à base comum compartilhada com outros indivíduos, como seres pertencentes culturalmente a um povo. Ambas caminham juntas, ligadas e ligando o sujeito à sociedade.

Nesta direção, Hall (2006, p. 11) disserta:

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o ‘interior’ e o ‘exterior’, entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a ‘nós próprios’ nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os ‘parte de nós’, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, ‘sutura’) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis. (Hall, 2006, p. 11)

A partir deste recorte, observa-se o valor da identificação cultural do sujeito com a sociedade onde vive. É nessa identificação que se firma a ligação que faz com que muitos se tornem um, dando sentido às vivências sociais ligadas ao passado, presente e ao futuro de uma sociedade, pois:

A identidade cultural legitima as crenças e valores nos quais se acredita. E o que cada um é ou se torna é resultado da construção de uma identidade que se vale “[...] da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, por instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. (Castells, 2018, *apud* Narciso; Borges; Sales, 2020, p. 5).

Portanto, ela está no centro de tudo o que acontece na sociedade e é resultado da construção histórica da cultura conforme destaca Pacheco (Pacheco, 2015, p. 87, *apud* Pinto *et al.*, 2021, p. 440) ao afirmar que “toda ciência gira como uma espiral em volta da identidade, para formá-la, regional, planetária e universal, como cultura que expressa a vida, como vida que expressa a cultura” (Pacheco, 2015, p. 87).

2.1.4 BNCC e Cultura

A BNCC é o documento que conduz os conteúdos e currículos da educação brasileira. A partir dela, é possível acompanhar os itinerários formativos de forma generalizada através das chamadas “aprendizagens essenciais”, por se tratar de um guia geral a ser seguido em território nacional. Elaborado a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, (LDB), a norma estabelecida em 2018, trouxe como um de seus objetivos a expectativa de que “ajude a superar a fragmentação das políticas educacionais, enseje o fortalecimento do regime de colaboração entre as três esferas de governo e seja balizadora da qualidade da educação” (Brasil, 2018).

O documento possui 10 competências gerais e as competências dos componentes curriculares específicos. Para efeito da BNCC, as competências correspondem aos conhecimentos, habilidades, atitudes e valores pretendidos a partir de sua implementação (Brasil, 2018).

Cabe aqui, nesta pesquisa, destacar a terceira competência: “Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural” (Brasil, 2018),

Na competência citada, vê-se um caminho aberto para a valorização cultural local, através da inserção de direcionamentos que prestigiem, no ambiente escolar, os saberes tradicionais e manifestações artístico-culturais brasileiras. Entretanto, ao estreitar para as competências específicas, essa pretendida valorização segue mornamente genérica, sem citar os atores que resguardam as tradições, conforme assevera Cordeiro (2024, p.299):

[...] Nos chamou muita atenção o fato de, com exceção de artes, nenhuma competência de qualquer componente curricular fazer menção direta aos povos indígenas e comunidades tradicionais brasileiras. O discurso de valorização da diversidade cultural carece de rostos, gentes, pessoas. Há uma tendência no documento de se ovacionar a diversidade, mas sem evidenciar os grupos, povos e populações que constroem e edificam este mosaico (Cordeiro, 2024, p.299).

Cordeiro (2024, p. 300) prossegue, pontuando de forma contundente acerca do que foi negligenciado no documento:

Povos indígenas, quilombolas, camponeses, ribeirinhos, populações periféricas nos centros urbanos, entre outros, estão entre os principais agentes de produção cultural em nosso país. Contribuíram e contribuem com a cultura nacional apesar de, como no caso dos povos indígenas, o Estado brasileiro tentar dizimar-lhes. De tal modo, apregoar a valorização da diversidade cultural sem assegurar aos discentes a compreensão dos processos opressivos que determinados povos, grupos e populações estiveram submetidos historicamente é repetir dissimuladamente as iniciativas de folclorização das culturas populares e tradicionais (Cordeiro, 2024, p.299).

Infelizmente, essa omissão prejudica a valorização e fruição cultural pretendida na competência inicial, pois, por se tratar de referência obrigatória, é o norteador de conteúdo para docentes e gestores. Muitos destes acabam repetindo e se atendo somente ao que está posto no documento, alimentando assim a cultura de uma educação hegemônica e eivada de omissões históricas.

Cabe, entretanto, destacar que, apesar de sua obrigatoriedade em representar o direcionamento, a BNCC não precisa ser elemento estanque no processo educacional, pois conforme asseveram Juzwiak e Silva Júnior (2022, p. 814) “o papel obrigatório, de regular e controle da BNCC a torna um documento formal e oficial do currículo. Apesar de ser o currículo oficial e/ou formal, o currículo não se restringe em ser só isso [...]”. É nessa fenda, que se abrem as possibilidades de inserções de conteúdos que façam justiça aos povos que produzem o mosaico cultural brasileiro (Cordeiro, 2024).

2.1.5 O papel da EPT na valorização da cultura

A Educação Profissional e Tecnológica (EPT) traz em sua base conceitual a formação humana integral omnilateral. Segundo Ciavatta (2014, p.198), a omnilateralidade na EPT foi concebida como “processo formativo que integre as dimensões estruturantes da vida, trabalho, ciência e cultura, (que) abra novas perspectivas de vida para os jovens e concorra para a superação das desigualdades entre as classes sociais”. A partir desse princípio, a EPT propôs, desde a sua criação, superar a dicotomia entre os que pensam e os que executam, formando pessoas para a cidadania e não mão de obra para o capitalismo (Pacheco, 2023).

Concebidos a partir de Escolas Técnicas Federais (CEFETs) oriundas das Escolas de Aprendizizes Artífices de Nilo Peçanha², os Institutos Federais tiveram o marco de sua criação com a lei 11.892 de 29 de dezembro de 2008, que institucionalizou a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica (RFEPT) e a expandiu para todo o território nacional (Silva; Pacheco, 2023). Atualmente, de acordo com as informações do Portal do Conselho Nacional das Instituições da Rede de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (Conif) a RFEPT é composta por 41 instituições, sendo 38 Institutos Federais, 2 CEFETs e o Colégio Pedro II.

O Instituto Federal do Amapá (IFAP), criado em 2008 a partir da ação de Expansão da Rede Federal, teve as atividades iniciadas em 2010 com funcionamento provisório de 2 *campi*: Macapá e Laranjal do Jari. Passados 15 anos, atualmente o IFAP possui 5 *campi* autônomos em funcionamento: Macapá, Santana, Laranjal do Jari, Porto Grande e Oiapoque; e 2 *campi* em fase de implantação: Pedra Branca do Amapari e Tartarugalzinho. Esses números consagram a presença da EPT em todas as mesorregiões do Amapá.

Como toda instituição de EPT, o IFAP também segue os princípios fundamentais de formação integral e da indissociabilidade do tripé ensino-pesquisa-extensão. Ao pensar na realidade do processo educacional nos IF's, Silva e Pacheco (2019, p.15) resumem que:

[...] a ideia de formação humana integral se volta para a construção de propostas educacionais que visam ao desenvolvimento das potencialidades humanas em suas dimensões intelectual, afetiva, estética, física, etc. [...]. Para tanto é proposto que as dimensões do trabalho, da ciência e da cultura sejam trabalhadas de forma integrada no processo educativo (Silva e Pacheco, 2019, p.15).

Para alcançar essas dimensões, o ensino, a pesquisa e a extensão precisam estar sintonizados com a realidade dos territórios e das pessoas que vivem nesses territórios, pois “atuar no território exige uma profunda compreensão da realidade dos sujeitos que dele fazem uso e lhe dão existência”, uma vez que “são esses atores que exercem permanentemente um diálogo com o território usado, diálogo esse que inclui as coisas naturais e socioculturais, a herança social e a sociedade em seu movimento atual” (Silva; Pacheco, 2019, p.15).

Dentro do tripé ensino-pesquisa-extensão, é a terceira coluna que apoia o relacionamento direto com o público externo ao ambiente escolar. É a extensão que liga a instituição ao território e às pessoas que são parte desse território. E se pensamos na

² ASSIS, Sandra Maria de; MEDEIROS NETA, Olivia Moraes; GONÇALVES, Irlen Antonio. Das Escolas de Aprendizizes Artífices ao ensino técnico industrial (1909-1943). Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica, /S. l./, v. 1, n. 22, 2022. DOI: 10.15628/rbept.2022.14026. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/14026>. Acesso em: 14 set. 2025.

indissociabilidade, a extensão engloba e envolve as demais colunas nesse relacionamento de construção educacional.

Ao retornar para a realidade do processo educacional, dessa vez focando no território amapaense e na atuação da RFEPT no Amapá, é primordial a aproximação com as comunidades e a busca pelo aprofundamento das relações com a cultura e as manifestações culturais dos municípios onde o IFAP possui unidades educacionais. A EPT no Amapá precisa alcançar e incluir as pessoas que fazem e fomentam a cultura através de suas vivências e ações. Cabe também à EPT no Amapá, realizar o movimento contrário e oportunizar aos alunos, pessoas em formação, o conhecimento acerca das manifestações culturais amapaenses, incentivando a valorização da cultura local. Os projetos de extensão são excelentes ferramentas para praticar essa “via de mão dupla” desde que ações dessa natureza sejam estimuladas pela gestão e que sua implementação envolva o máximo de pessoas tanto da comunidade escolar quanto da comunidade externa.

2.2 Marabaixo

2.2.1 Marabaixo e Educação: Estado do Conhecimento

O estado do conhecimento constitui-se como uma modalidade de pesquisa que busca mapear e analisar a produção acadêmica sobre determinado tema ou campo de investigação. De acordo com Romanowski e Ens (2006, p. 40), o estado do conhecimento se trata de um “estudo que aborda apenas um setor das publicações sobre o tema estudado” e não deve ser confundido com o estado da arte que tende a abranger “toda uma área do conhecimento, nos diferentes aspectos que geraram produções”.

Para Morosini e Fernandes (2014, p. 155) “estado de conhecimento é identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo”. Uma das características dessa metodologia é a revelação de tendências, lacunas e perspectivas que ajudam a compreender como um campo se consolida e se transforma no interior da ciência. Importa salientar ainda, conforme Morosini e Fernandes (2014, p.155), a contribuição de através das novidades encontradas a partir das análises, para a pesquisa que utiliza o método.

Assim, para este trabalho, a pesquisa do estado do conhecimento foi realizada no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Para iniciar a busca foi utilizado somente o descritor “Marabaixo”. Foram

obtidos 35 resultados (29 dissertações de mestrado e 6 teses de doutorado). Em seguida, para chegar ao campo de estudo pretendido por esta pesquisa, foi acrescentado ao buscador a palavra “educação”. Para essa nova combinação, 9 trabalhos restaram e destes, 8 dissertações e 1 tese. Para finalizar a busca, foi acrescentado o espaço temporal compreendido nos últimos 5 anos (2019 a 2024), ao que se chegou, por fim, a 6 resultados, todos dissertações de Mestrado.

Ao acessar as dissertações para leitura, foi constatado que 1 trabalho não possui a divulgação não autorizada, portanto somente 5 foram possíveis de acessar. Segue, pois, um levantamento dos trabalhos encontrados:

Tabela 1 – Estado do Conhecimento - #Marabaixo #Educação (2019-2024)

Título	Ano	Autor	Objetivo	Palavras-chave	Metodologia
DOS BARRACÕES DOS FESTEIROS PARA ESCOLA: a Dança do Marabaixo nas aulas de Educação Física	2019	Bruna Cardoso Gonçalves	Analisar o lugar da Dança do Marabaixo nas aulas de Educação Física em escolas de Macapá-AP, considerando a perspectiva de professores e professoras desse componente curricular, bem como o contexto social no qual essas escolas estão inseridas. Reconhecer e analisar outras questões complementares ao objetivo principal que dizem respeito à/ao: a) correlação entre formação profissional e a escolha de conteúdos de ensino nas aulas Educação Física; b) lugar e ausência do conteúdo dança nas aulas de Educação Física e; c) história e cultura afrobrasileira nas aulas de Educação Física.	Educação Física plural; currículo, Marabaixo	- Abordagem qualitativa. - Pesquisa descritiva de campo.
A ETNOMATEMÁTICA COMO PRINCÍPIO DE VALORIZAÇÃO SOCIOCULTURAL EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA NA REGIÃO	2019	Romaro Antônio Silva	Investigar a relação da cultura com o saber escolarizado e a forma que o ensino dialoga com a realidade local.	Quilombolas Etnomatemática Formação de Professores; Amapá.	- Pesquisa descritiva de campo, através de observação direta e entrevistas semiestruturadas

AMAZÔNICA: elo entre o conhecimento empírico e o escolarizado

<p>“A CULTURA DE MAZAGÃO VELHO E A FESTA DE SÃO TIAGO DAS CRIANÇAS SÃO JÓIAS RARAS”: a construção da identidade cultural mazaganense a partir da Festa de São Tiago Mirim, Mazagão Velho - AP</p>	2023	Angleson Pantoja Pinheiro	verificar como as vivências adquiridas pelas crianças na festa de São Tiago Mirim, dialogam com os processos de aprendizagem comunitário, identitário e educacional	Festa de São Tiago Mirim. Identidade Cultural. Crianças. Educação Cultural Comunitária. Distrito de Mazagão velho	- Estudo de caso, com abordagem qualitativa, na qual os dados empíricos foram coletados por intermédio da: observação, entrevistas semiestruturadas, registros fotográficos e descrição apresentada pelas narrativas dos sujeitos/colaboradores na comunidade pesquisada.
<p>MARABAIXO: O processo de implementação do Projeto Afroamapaenses como uma Política Pública Educacional no Município de Macapá -AP</p>	2024	Arlene Marta da Silva Gomes	Analisar a implementação do projeto Afroamapaenses no sistema Municipal de Ensino de Macapá-AP, considerando sua capacidade de promover a ressignificação da participação da população negra na construção da sociedade amapaense	Projeto Afroamapaenses; Educação Antirracista; População Negra; Implementação; Marabaixo	Pesquisa qualitativa, considerando -se a possibilidade da observação participante, levantamentos documentais e entrevistas semiestruturadas
<p>As Fazedoras do Marabaixo no Ensino de História: Mulheres Marabaixas em Álbum Biográfico e a Educação para as Relações Étnico-raciais</p>	2023	Manoelma Couto Rodrigues	O trabalho não possui divulgação autorizada	O trabalho não possui divulgação autorizada	<i>O trabalho não possui divulgação autorizada</i>
<p>QUILOMBO DO CRIAÚ: UMA REFLEXÃO</p>	2019	Joselina Souza de	Analisar quais são os principais elementos teóricos	Escola Quilombola;	Pesquisa Quanti-quali

SOBRE O ENSINO RELIGIOSO A PARTIR DAS TURMAS DE 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II - MACAPÁ-AP	Oliveira	apresentados no discurso da disciplina de Ensino Religioso à luz da diversidade de credos; identificar aspectos de religiosidade da disciplina de ER na Escola Quilombola José Bonifácio; e interpretar, a perspectiva dos professores de Ensinos da Escola Quilombola José Bonifácio dentro dos pontos e contrapontos sobre diversidade de credos e proselitismo religioso.	Discurso religioso; Ensino Fundamental; Macapá	por meio de questionários quantitativos e qualitativos <i>O trabalho não possui divulgação autorizada</i>
---	----------	--	--	---

Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Ao iniciar as análises dos trabalhos, foi possível perceber na dissertação de Gonçalves (2019) explanações sobre preconceito e sobre a luta por uma educação contra-hegemônica e antirracista, além de apresentar estudos aprofundados sobre Currículo Escolar e sobre o Marabaixo. Através da abordagem qualitativa de entrevistas semiestruturadas com 9 professores de Educação Física da rede pública estadual de ensino, a pesquisadora apresentou em suas discussões dos resultados a ausência de interesse dos docentes em trabalhar com o Marabaixo em sua prática, pois estes o veem como manifestação folclórica, dando preferência a conteúdos tradicionais da Educação Física, justificado por sua relação com o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

A dissertação de Silva (2019), traz o olhar da etnomatemática para as práticas cotidianas de uma escola da rede municipal de ensino, localizada em território remanescente de quilombo na cidade de Macapá. O autor identifica o *lócus* da pesquisa e em seguida faz uma discussão teórica sobre a Etnomatemática, relacionando-a à Aprendizagem Significativa. O trabalho não aborda diretamente o Marabaixo em suas discussões teóricas, entretanto, ao realizar as entrevistas com professores de matemática, servidores do quadro pedagógico e alunos, a manifestação cultural é citada e exaltada como prática pedagógica significativa naquele educandário. Por fim, o Marabaixo é ressaltado como instrumento de construção do conhecimento atrelado às tradições da comunidade pesquisada.

Ao realizar uma pesquisa rica em detalhes e informações sobre a Vila de Mazagão Velho e suas “raízes”, o pesquisador Pinheiro (2023) aborda a festa de São Tiago Mirim, contextualizando-a como parte da identidade cultural daquela comunidade e enaltecendo sua importância na perpetuação da tradição da Festa de São Tiago, realizada na localidade.

Elaborada a partir de observação, descrição minuciosa dos festejos e entrevistas com crianças, adolescentes e membros da comunidade, a pesquisa não centraliza o Marabaixo e nem o apresenta como instrumento pedagógico na educação escolar, mas este, como parte da manifestação cultural apresentada como objeto central da dissertação, é inserido indiretamente no contexto dos resultados.

Gomes (2024), discute o Marabaixo no contexto da implementação de um projeto chamado “Afroamapaenses”, relacionando sua realização com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e as leis 10.639/2003³ e 11.645/2008⁴. A metodologia inicial utilizada foi a oferta de formação para professores e gestores e aplicação do projeto em 4 escolas da capital. Em seguida, através de entrevistas estruturadas, a pesquisadora verificou as impressões dos professores-participantes sobre o projeto que coloca Marabaixo como centro de estudos sobre cultura afroamapaense, revelando um desejo de implementação desse ou de outros projetos semelhantes e ainda a consciência acerca da importância da escola na divulgação e preservação do Marabaixo, enquanto cultura afroamapaense.

Importante ressaltar que a realização deste estado do conhecimento mostra a baixa produção acadêmica registrada nos últimos 5 anos sobre o Marabaixo na educação. Mesmo se esse prazo se estendesse para 10 anos, aumentaria em apenas 1 dissertação de mestrado sobre o tema. Vale destacar também que é provável que existam outros trabalhos, entre dissertações e teses, que abordam diretamente ou indiretamente o Marabaixo, mas que não são acessados por falta de registro como tal, no sítio utilizado como fonte nesta pesquisa.

2.2.2 Mar-a-cima, mar-a-baixo

A construção da Fortaleza de São José de Macapá, ainda no contexto do Brasil colônia, é um grande marco na história da construção do próprio povo amapaense. Concebida para defesa dessas terras que ainda eram dominadas pelos portugueses, a fortificação utilizou inicialmente mão de obra escravizada indígena, porém, diante da resistência destes, passou a importar mão de obra negra escravizada da África (Pedro; Costa; Caleiro, 2020).

³ BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para tornar obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira no currículo oficial da rede de ensino. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 11 set. 2025.

⁴ BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, DF: Presidência da República, 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 11 set. 2025.

Escravizados e trazidos nos porões dos navios negreiros *mar-a-cima mar-a-baixo*, os negros chegaram ao Amapá e também ofereceram resistência. Muitos fugiram e deram origem aos territórios quilombolas no Amapá: “mesmo com tantas dificuldades para serem superadas em terra hostil e desconhecida, o negro africano na Amazônia idealizou e fundou os seus Quilombos. Lugares que, de alguma forma, tentavam retratar a sua Mãe-África” (Silva, 2014, p.32).

A Fortaleza de São José de Macapá permanece na memória da população negra amapaense, como símbolo de muito sofrimento e luta por sobrevivência. Mas junto ao lamento, ela simboliza também o valor inestimável da bagagem cultural trazida por esses negros, para a história e para a cultura do Amapá, conforme o Dossiê Marabaixo:

Ainda que a história da sua construção remeta ao sofrimento dos ancestrais negros que envidaram esforços sobre-humano na empreitada e construção da edificação, no contexto da elaboração e afirmação de identidade amapaense acrescenta-se à edificação outro sentido, o que exalta a exuberância da construção e a reconhece como uma das maiores e importantes obras de defesa do território colonial, além de testemunho da importância da mão de obra negra para o soerguimento da edificação e da formação social e cultural de toda uma região (IPHAN, 2018, p.50).

Quanto à vinda dos africanos oriundos da região onde hoje situa-se o Marrocos, deu-se “em função dos conflitos existentes entre cristãos e muçulmanos naquela região” (Canto, 1998, p.18). Essa transferência deu origem à Vila de Nova Mazagão, trazendo outras tantas tradições e costumes às terras amapaenses. Almeida (2011, p.44) assim narra o episódio:

Fundada em mil quinhentos e treze como entreposto comercial, Mazagão do Marrocos resistiu à soberania dos mouros à custa de grande esforço e investimento da Coroa Portuguesa, para servir aos navegadores que faziam a rota do Cabo. [...] Em mil setecentos e sessenta e nove, o Marquês de Pombal, estrategista durante o reinado de D. José, decidiu que toda a cidade seria transferida para a Amazônia, no Brasil, outra região sob controle português que necessitava de garantias de soberania. Assim, a fortificação foi abandonada e destruída, tendo os seus habitantes partido para o Brasil, onde fundaram a Vila de Nova Mazagão (Almeida, 2011, p.44).

A vinda das mais de 300 famílias marroquinas com seus escravizados africanos foi uma saga (Pedro; Costa; Caleiro, 2020) pois percorreu os mares, de Lisboa até o Amapá em navios, *mar-a-cima, mar-a-baixo*. Essa população também trouxe costumes, linguagens e celebrações que ajudaram a moldar a identidade cultural do Amapá.

Tanto os descendentes dos primeiros habitantes da Vila de Nova Mazagão – que hoje se chama Mazagão Velho, quanto os descendentes dos negros escravizados trazidos para o Amapá e que até os dias atuais habitam comunidades quilombolas e bairros da capital, resistem

através das tradições seculares preservadas pela população negra que cuida da herança cultural de seus antepassados. O ponto de convergência entre essas duas linhagens é costume de celebrar seus santos de devoção, suas vitórias e perpetuar suas tradições através de festejos de Marabaixo.

2.2.3 Conceitos, preconceito e reconhecimento

Considerada cultura genuinamente amapaense, o Marabaixo possui um histórico que combina preconceito, luta e adaptação até chegar no atual momento, onde a valorização é mais presente que os demais aspectos, embora aqueles ainda façam parte da realidade dos defensores da tradição.

O Dossiê Marabaixo, do IPHAN (2018, p.6), assim conceitua:

É uma forma de expressão elaborada pelas comunidades negras do estado do Amapá, manifestada especialmente por meio da dança e das cantigas denominadas *ladrão*, espécie de poesia oral musicada a partir dos toques das *caixas*, instrumentos de percussão produzidos pelos próprios tocadores (IPHAN, 2018, p.6).

Em outra definição, Silva (2023, p.154) sintetiza a manifestação cultural:

Marabaixo é uma manifestação cultural praticada por populações negras das áreas urbana e rural de três municípios do Amapá – Macapá (capital do estado), Santana e Mazagão. Constitui-se de música (denominada pelos festeiros de ladrão), embalada pelo ritmo dos tambores (chamados de caixas), e dança. Na cidade de Macapá, tradicionalmente é praticado em um período específico, denominado ‘ciclo do marabaixo’, em homenagem ao Divino Espírito Santo e à Santíssima Trindade. Porém, em geral essa manifestação pode ser praticada a qualquer tempo, incluindo eventos não religiosos em apresentações denominadas “rodas de marabaixo” (Silva, 2023, p.154).

A origem da palavra “Marabaixo” possui duas explicações mais difundidas entre os estudiosos. A primeira faz alusão ao movimento dos navios negreiros que trouxeram os escravos para trabalhar na construção da Fortaleza de São José de Macapá e que vinham *mar-acima, mar-a-baixo*, conforme revela Videira (2008, p. 7):

Em relação ao significado do nome Marabaixo, os sujeitos de pesquisa deixam claro pouco saberem a respeito de sua origem. Muito embora, possa lembrar a penosa travessia dos africanos nas naus escravistas *mar-a-baixo* dando origem por aglutinação das sílabas a Marabaixo (Videira, 2008, p.7)

A segunda hipótese de origem da palavra é trazida por Canto (1998, p.18):

O termo Marabaixo é provavelmente uma corruptela de *marabuto* ou *marabut*, do árabe *morabit* – sacerdote dos malês – por sua vez negros de influência mulçumana, como os que vieram para Mazagão, servindo os brancos, originários da África Ocidental (Canto, 1998, p. 18)

Apesar da incerteza quanto à origem do vocábulo, o que realmente se sabe é que o Marabaixo possui origem cultural negra e chegou ao Amapá através de um processo de *diáspora africana*⁵ no século XVIII. Essa origem atribui à manifestação cultural muitos preconceitos, conforme elucidam Caldas, Maciel e Andrade (2018, p. 33)

Ante as manifestações ligadas ao Marabaixo – sejam elas dentro ou fora do ciclo –, destaca três aspectos que ajudam no entendimento histórico de preconceitos contra as manifestações culturais afro-amapaenses. O primeiro aspecto considera a hegemonia da Igreja Católica referente às demais religiões, incluindo aí as de matrizes africanas, donde o Marabaixo – embora não seja propriamente uma religião – evoca ritos que mesclam elementos africanos e cristãos. O segundo aspecto – que é consequência do primeiro – gira em torno de processos de hibridismo cultural dos quais o Marabaixo é um produto dinâmico e, como tal, sofre as transformações do seu tempo revigorando suas próprias tradições. O terceiro aspecto tem mais a ver com a função que o sujeito exerce nesse processo de relações de poder. Nesse aspecto, emerge o assujeitamento como estratégia ou condição para a salvação religiosa do sujeito, o qual constrói seu discurso sempre submetido a uma ideologia (Caldas, Maciel e Andrade, 2018, p. 33).

Uma das histórias mais conhecidas do Marabaixo e que revela o preconceito com a população negra e suas manifestações culturais foi o remanejamento compulsório das famílias, em sua maioria afrodescendentes, que habitavam o terreno onde hoje se localiza a Praça Barão do Rio Branco na frente da cidade de Macapá. Os ritos do Marabaixo que antes era realizado nas proximidades da Igreja de São José (Lobato, 2019, p.135), foram obrigados a ser adaptados novas sedes: os Bairros Laginho e Santa Rita, conhecido à época como Favela:

Então surgiu o refrão deste famoso ladrão: “aonde tu vais, rapais por esses campo sosinho (sic) / vou construir minha morada lá nos campo do Laginho”. Descendentes de escravizados, os negros que moravam no centro histórico foram divididos: “pelo jeito que eu estou vendo nós vamos ficar sozinhos / uns vão para a Favela e outros vão para o Laginho” (Lobato, 2019. p.134).

⁵ A expressão “diáspora africana” é relacionada sobretudo aos contingentes de africanos deslocados à força pelo comércio de escravizados que marcou indelevelmente o Mundo Atlântico entre os séculos XV e XIX”. VALLE, A.; CONDURU, R. Artes e diáspora africana: conflitos, cânones, recomeços. MODOS: Revista de História da Arte, Campinas, SP, v. 6, n. 1, p. 106-120, jan. 2022. DOI: 10.20396/modos.v6i1.8667936. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/mod/article/view/8667936>.

De acordo com os registros do IPHAN (2018), atualmente, além dos bairros do Lagunho e Favela, em Macapá, o Marabaixo é praticado em 36 localidades amapaenses, quais sejam:

- 01- Abacate da Pedreira (Rodovia AP-70 / Macapá)
- 02- Alto do Pirativa (Rodovia Duca Serra - Rio Matapi / Santana)
- 03- Ambé (BR-156. Sentido Oiapoque / Macapá)
- 04- Areal do Matapi (BR-156 / Macapá)
- 05- Campina Grande (BR-156 /Macapá)
- 06- Carmo do Maruanum (BR -156. Sentido Laranjal do Jari/Macapá)
- 07- Carvão (Rodovia AP-10 / Mazagão)
- 08- Casa Grande (Rodovia AP-70 / Macapá)
- 09- Cinco Chagas do Matapi (Rodovia Duca Serra - Rio Matapi / Santana)
- 10- Conceição do Macacoari (Rodovia AP-70 / Macapá)
- 11- Conceição do Maruanum (BR-156-sul/ Macapá)
- 12- Coração (BR-156 /Macapá)
- 13- Curiaú (Rodovia AP-70 /Macapá)
- 14- Fátima do Maruanum (BR-156-sul/ Macapá)
- 15- Ilha Redonda (BR-210 / Macapá)
- 16- Joaquina do Maracá (BR-156-sul / Mazagão)
- 17- Lagoa de Fora (Rodovia Duca Serra / Macapá)
- 18- Lagoa dos Índios (Rodovia Duca Serra / Macapá)
- 19- Maruanum (BR-156-sul / Macapá)
- 20- Mazagão (Rodovia AP-10 / Mazagão)
- 21- Nossa Senhora do Desterro (BR-210 - Rio Matapi / Macapá)
- 22- Nossa Senhora da Conceição do Maruanum (BR-210 - Rio Matapi/Macapá)
- 23- Ressaca da Pedreira (Rodovia AP-70 / Macapá)
- 24- Rosa (BR-156-sul / Macapá)
- 25- Santa Luzia do Maruanum (BR-156-sul / Macapá)
- 26- Santo Antônio do Matapi (BR-210 - Rio Matapi / Macapá)
- 27- São Francisco do Matapi (BR-156-sul / Santana)
- 28- São João do Matapi (Rodovia Duca Serra - Rio Matapi / Santana)
- 29- São José do Matapi/Porto do Céu (Rodovia Duca Serra - Rio Matapi/Santana)
- 30- São José do Mata Fome (Rodovia AP-70 / Macapá)
- 31- São Miguel do Maracá (BR-156-sul /Mazagão)

- 32- São Raimundo do Maruanum (BR-156-sul / Macapá)
- 33- São Raimundo do Pirativa (Rodovia Duca Serra - Rio Matapi / Macapá)
- 34- São Tiago do Matapi (BR-156 / Macapá)
- 35- Torrão do Matapi (BR-156-sul / Macapá)
- 36- Igarapé do Lago (Santana)

Nessas localidades, a manifestação cultural é realizada como parte da celebração dos santos católicos, geralmente padroeiros de famílias ou da própria comunidade. Após longos anos de resistência, em especial aos preconceitos e perseguições da Igreja Católica (Canto, 1998), ao final da década de 1990 principiou um processo de reconhecimento e valorização do Marabaixo como cultura e identidade cultural Amapaense (Videira, 2009). A construção e inauguração do Centro de Cultura Negra (CCNA) e a realização anual do Encontro dos Tambores são marcos importantes desse processo (Pedro; Costa; Caleiro, 2020).

Em 2010, o dia 16 de junho foi instituído como o “Dia Estadual do Marabaixo” através de lei estadual proposta na Assembleia Legislativa do Amapá pelo então deputado Dalto Martins (1961-2012). Em 2018, após anos de luta, o Marabaixo foi reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil (PCI) pelo IPHAN, através da Resolução nº 1, de 20 de dezembro de 2018, publicada no *Diário Oficial da União* em 21 de dezembro de 2018. Sobre esse reconhecimento, subscrevo as palavras de Silva (2023 p.153):

Defendo a ideia de que a patrimonialização dessa manifestação resulta de um processo histórico de ações da “comunidade marabaixeira”, em aliança com o movimento negro e outros seguimentos locais, no combate ao preconceito e à discriminação contra a população negra, bem como na reivindicação de aceitação e reconhecimento do marabaixo (Silva, 2023, p.153).

A luta dos marabaixeiros segue, agora, no processo de Salvaguarda da tradição. São ações implementadas através da educação formal e não formal para o fortalecimento de sua prática, “uma vez que há possibilidades de interferências externas e seus desdobramentos no universo do bem cultural, sobretudo na sua lógica de produção, circulação e consumo” (Iphan, 2018, p.85).

2.2.4 Elementos

A realização do Marabaixo, em sua completude, possui elementos essenciais que compõem sua prática. A compreensão desses constituintes é importante para assimilar a riqueza da manifestação cultural. Os elementos mais evidentes no contexto dos ritos são a dança, o *ladrão*, a caixa, a gengibirra e o Ciclo do Marabaixo.

- A Dança

Ao explicar a dança do Marabaixo, Videira (2009, p.102) assim discorre:

Na Dança do Marabaixo os movimentos das partes superiores do corpo, cabeça, braço e ombro são simples, assim como os das partes inferiores, quadril, pernas e pés. As mulheres dançam segurando a saia comprida e rodada num bailado cadenciado que envolve deslocamentos laterais, gingas corporais para frente e para trás e giros em todas as direções seguidos dos braços. Os quadris são requebrados e empurrados para frente, trás e ambos os lados. Dependendo da melodia da cantiga, se for lenta e triste, e/ou ritmada as dançadeiras tradicionais dançam marcando em um/dois o tempo e o compasso da música.

Portanto, na Dança do Marabaixo os dançantes seguem o passo básico de pés arrastados um seguido do outro, mas não ficam presos às regras, padrões e modelos, ou seja, todos dançam, desenvolvem suas singularidades e expressam seus sentimentos por intermédio da dança (Videira, 2009, p. 102).

A descrição feita pela autora, com tamanha riqueza de detalhes, é a alusão perfeita ao que se vê nas rodas de Marabaixo. Videira acrescenta ainda a participação masculina no bailado, na qual os homens cortejam e protegem as mulheres na roda com movimentos corpóreos cheios de “catimba, graça e presepada” (Videira, 2009, p.104).

Figura 1 – Dança do Marabaixo



Fonte: Portal G1/ Foto: Aydano Fonseca/Tambores e Bandeiras

Disponível em: <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2023/06/16/dia-do-marabaixo-ancestralidade-e-manifestacao-cultural.ghtml>

Vale destacar ainda, que a dança é executada de forma circular e anti-horária, seguindo o conjunto de pessoas formado pelos tocadores de caixa e pelos *tiradores dos ladrões*, que vão puxando o cortejo na roda.

- A Caixa de Marabaixo

O ritmo que embala as rodas de Marabaixo é feito a partir de um instrumento musical específico, chamado Caixa de Marabaixo. Quanto a sua construção,

A caixa de Marabaixo é produzida no geral de madeira nobre, mas também de metal e madeira de reciclagem. Seu corpo possui formato cilíndrico com duas peles afixadas nas extremidades e tensionadas por meio de aros feitos de madeira flexível. O Som é produzido pelo ato de percutir com duas baquetas o couro afixado em uma das extremidades fazendo com que as ondas formadas no interior da caixa atinjam a extremidade oposta desta onde está afixada a segunda peça de couro. Rente a esta segunda extremidade recoberta com couro há uma fita em nylon preenchida por miçangas denominada “*esteira da caixa*” que é responsável pelo efeito sonoro peculiar ao instrumento, identificado pelos detentores como “*resposta*” da caixa. (IPHAN, 2018, p. 24)

No marabaixo existem duas cadências distintas: o Marabaixo de Roda, tocado tradicionalmente nos barracões e o Marabaixo de Rua, este chamado “dobrado das caixas”, que num ritmo mais rápido e festivo, anima as procissões, cortejos e encerramento das rodas.

Figura 2 – Tocadores de Caixa



Fonte: Portal Amazônia Brasil Rádio Web

Disponível em https://chicoterra.com/2019/06/06/padre-impede-danca-do-marabaixo-dentro-da-igreja-jesus-de-nazare-diz-daniela-ramos/#google_vignette

Os músicos que tocam a caixa de marabaixo, são chamados Tocadores. Não há acompanhamento de instrumentos harmônicos (violão, teclado...). São os tocadores, junto com os *ladronistas* que comandam a parte musical do Marabaixo.

- O *Ladrão*

As músicas cantadas no contexto do Marabaixo são chamadas de *ladrão*. Videira (2009, p.138) explica que “são versos tirados de improviso, com o objetivo de criticar, exaltar, agradecer, lamentar ou satirizar todos os fatos ocorridos no cotidiano da comunidade e nas relações sociais, no conjunto maior da sociedade”.

Sobre o elemento e sua denominação, Coelho (2021, p.34) também versa que

Na verdade, são versos compostos de ritmo e musicalidade e recebem tal nome pelo fato de surgirem muitas vezes do improviso na roda de Marabaixo e, em seguida, serem “roubados” por cantadores, repetido em coro pelos participantes da dança, até que outro “ladrão” seja criado e roubado sucessivamente (Coelho, 2021, p.34).

Os compositores de *ladrões* são chamados de *ladronistas* e “podem ser considerados os propagadores dessa memória coletiva do povo vivente dessa manifestação cultural de matriz africana” (Maciel, Silva E Trindade, 2018, p. 104). Um dos mais ilustres e conhecidos é Raimundo Ladislau, que na década de 1940 compôs “Aonde tu vais rapaz” a partir de uma conversa com Julião Ramos no contexto da mudança da Vila Santa Engrácia, na frente da cidade de Macapá, para os “campos do Laguinho”.

Os *ladrões*, combinado à caixa de marabaixo e à dança, constituem os elementos mais difundidos e os mais presentes nas menções à manifestação cultural. Os *ladrões* “Aonde tu vais rapaz”, Rosa Branca, açucena” e “É de manhã, é de madrugada”, estão entre os mais conhecidos e cantados nas rodas de Marabaixo. A seguir, apresento o refrão e uma estrofe de cada um deles

“Aonde tu vais, rapaz
Por esses caminhos sozinho?
Aonde tu vais, rapaz
Por esses caminhos sozinho?
Vou fazer minha morada
Lá nos Campos do Laguinho
Vou fazer minha morada
Lá nos Campos do Laguinho
A avenida Getúlio Vargas
Tá ficando que é um primor
As casas que foram feitas
Foi só pra morar doutor”
 (Domínio Público)

Rosa Branca Açucena, lê lê
Case com a moça morena, lê lê
Rosa Branca Açucena, lê lê
Case com a moça morena, lê lê
Rosa Branca serenada, lê lê
Quem foi que te serenou, ô lê lê
Rosa Branca Açucena, lê lê
Case com a moça morena, lê lê
Foi danado do sereno, lê lê
Que nos campos me apanhou, ô lê lê
Rosa Branca Açucena, lê lê
Case com a moça morena, lê lê
 (Domínio Público)

*É de manhã, é de madrugada
 É de manhã, é de madrugada
 Ô vamo tirar leite, ô sadona
 Da vaca malhada
 Ô vamo tirar leite, ô sadona
 Da vaca malhada
 A vaca mansa dá leite
 A braba dá quando quer
 Ora a mansa dá pra coalhada, ô sadona
 E a braba dá pro café
 (Domínio Público)*

- A Gengibirra

Feita para dar ânimo aos tocadores, cantadores e cantadeiras e aos “dançadores e dançadeiras”, a Gengibirra é a bebida tradicional do Marabaixo. Feita a partir da mistura de gengibre, açúcar, água e cachaça, “é produzida geralmente de forma doméstica, seja na sede das associações que promovem o Marabaixo ou na casa do festeiro ou de moradores que detêm a prática deste fabrico” (IPHAN, 2018, p. 39)

Figura 3 – Gengibirra



Fonte: Mixology News

Disponível em <https://mixologynews.com.br/05/2021/biomas-do-brasil/gengibirra-marabaixo/>

A gengibirra, juntamente com o caldo de carne (este geralmente servido somente nos barracões), formam a culinária específica do Marabaixo. Ambos fazem parte, inclusive, da lista de itens resguardados a partir do reconhecimento do Marabaixo como Patrimônio Cultural Imaterial.

- O Ciclo do Marabaixo

O Marabaixo pode ser cantado, tocado e dançado a qualquer tempo, em qualquer época do ano. Entretanto, os festejos tradicionais onde a prática do Marabaixo foi estabelecida ocorre dentro de celebrações ligadas a divindades da Igreja Católica. Canto (1998, p. 15) pontua que

“a festa do Divino Espírito Santo e Santíssima Trindade em Macapá, [...] está diretamente ligada aos aspectos profanos do marabaixo, que por sua vez é uma manifestação de origem negra caracterizada pela dança, pela música e rituais próprios”.

Dentre essas celebrações, o Ciclo do Marabaixo se destaca por ter, nos últimos anos, ganhado notoriedade através da mídia e aporte financeiro estatal. Coelho (2021, p. 70) assim o resume:

O ciclo do Marabaixo se constitui em dois aspectos: o primeiro centrado em homenagear a Santíssima Trindade e o Divino Espírito Santo, por meio de ladainhas e missas representando o aspecto religioso; já o segundo, fundamenta-se na dança e nos cantos do Marabaixo, que constituem o lado profano da festividade (Coelho, 2021, p.70).

Na cidade de Macapá, o Ciclo do Marabaixo é realizado pelos barracões todos os anos, com base no calendário católico, no interstício compreendido entre o Sábado de Aleluia e o Domingo de Pentecostes. Nos bairros do Laguinho, Santa Rita (Favela) e na zona rural de Macapá, são realizados os ritos da tradição que inicia com o Marabaixo do Sábado de Aleluia, na Favela e do Domingo de Páscoa, no Laguinho.

Os barracões são os locais-base onde os festejos do Ciclo acontecem e estes são coordenados pelo “festeiro”, geralmente escolhido entre os membros das famílias tradicionais. No Bairro do Laguinho existem 2 barracões: Mestre Pavão e Tia Biló; na Favela, são 3 barracões: Tia Gertrudes, Dica Congó e Zeca e Bibi Costa; e mais 2 Barracões na Zona Rural de Macapá: Campina Grande e Casa Grande (Curiaú). Na frente desses locais-base, são erguidos os mastros que são feitos do tronco de árvores retiradas das matas do Curiaú no sábado do Mastro e enfeitados com a murta trazida pelos foliões em procissão na Quarta-feira da Murta. Na ponta de cada mastro, uma bandeira é hasteada: a azul, do Divino Espírito Santo e a vermelha, da Santíssima Trindade. Nos barracões ocorrem as ladainhas, missas de ação de graça, almoços temáticos e, é claro, as rodas de Marabaixo.

Desde 2023, na semana que antecede o início do Ciclo, ocorre no Centro de Cultura Negra do Amapá (CCNA), localizado no bairro do Laguinho, o evento denominado Central do Marabaixo, onde acontece o encontro dos barracões, o que marca a preparação para os festejos do tradicional Ciclo do Marabaixo.

3 METODOLOGIA

Pesquisar requer, acima de tudo responsabilidade. Os dados apresentados na pesquisa precisam demonstrar credibilidade e apresentar dados verossímeis para a comunidade acadêmica e para a sociedade como um todo. Nesse contexto, Minayo, pontua:

Entendemos por pesquisa a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula o pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática (Minayo, 2009 p. 17).

Nesse sentido, é válido afirmar que a autora da pesquisa sempre escolhe como objeto um assunto no qual possua conhecimento prévio, posto que “ninguém pesquisa o que, pelo menos em parte, já não conhece. Pesquisar é também aprender em um processo que avança” (Tuzzo e Braga, 2016, p. 143), para apreender novas ópticas ou mesmo aprofundar o entendimento obtido através de outras experiências.

Escolher a metodologia para tratar as informações e resultados obtidos a partir de uma busca abrangente sobre a temática escolhida, norteia os objetivos e a qualidade final do trabalho. Nesta pesquisa, a abordagem utilizada foi a pesquisa quanti-qualitativa exploratória, selecionada para satisfazer o comprometimento com a resposta às questões levantadas, pois conforme assevera Rodrigues, Oliveira & Santos (2021, p. 169): “em educação especificamente, a pesquisa quali-quantitativa possibilita descrever os fenômenos observados pelo pesquisador assim como fundamentar essas visões por meio de evidências”.

Vale ressaltar ainda que esta pesquisa não pretende, e nem poderia, alcançar verdades absolutas, mas compreender uma ou quem sabe algumas perspectivas que compõem a realidade, para assim, construir o conhecimento em diálogo com os contextos vislumbrados, pois,

A complexidade do mundo moderno exige uma complexidade de metodologias capazes de considerar os olhares e prismas sobre um mesmo objeto, que possui vários lados e muitas formas de ser contemplado e, por diversas vezes, impossível de ser visto em sua totalidade a partir de apenas um ângulo. Importante primeiramente pensar no significado de totalidade, pois, muitas vezes, ela é para um indivíduo somente a maior parcela de possibilidade de conhecimento em um dado momento histórico-social. (Tuzzo; Braga, 2016, p.143).

A partir da ideia de que “quando os fenômenos são estudados devem ser considerados também o contexto social em que se inserem” (Ramos; Mazalo, 2024), foram utilizados dois

instrumentos: a Análise Documental e a Revisão Bibliográfica. Apesar de suas semelhanças metodológicas, ambas possuem diferenças essenciais:

A pesquisa documental não pode e nem deve ser confundida com pesquisa bibliográfica. A utilização do documento nesses dois tipos de pesquisa faz com que elas sejam vistas como iguais, no entanto, elas se divergem quanto à fonte dos documentos, pois a pesquisa bibliográfica tem como foco documentos já com tratamento analítico, na maior parte das vezes publicadas na forma de livros ou artigos (Junior *et al.* 2021, p.42)

A revisão bibliográfica traz a esse trabalho o embasamento teórico necessário para amparar as perspectivas que pretendem ser encontradas e discutidas para hipótese levantada. A leitura, discussão e análise dos teóricos e estudiosos sobre o tema proposto oferece riqueza de conteúdo e alicerça o percurso da pesquisa.

Já a Análise documental relaciona-se diretamente ao fenômeno e contexto social escolhido para alcançar os objetivos suscitados. Tratam-se de documentos abertos ao público, acessados com pesquisa simples na fonte e serão apresentados aqui, bem como os resultados pretendidos, sem qualquer indicação de autoria, pois assim são disponibilizados.

3.1 Procedimentos Metodológicos

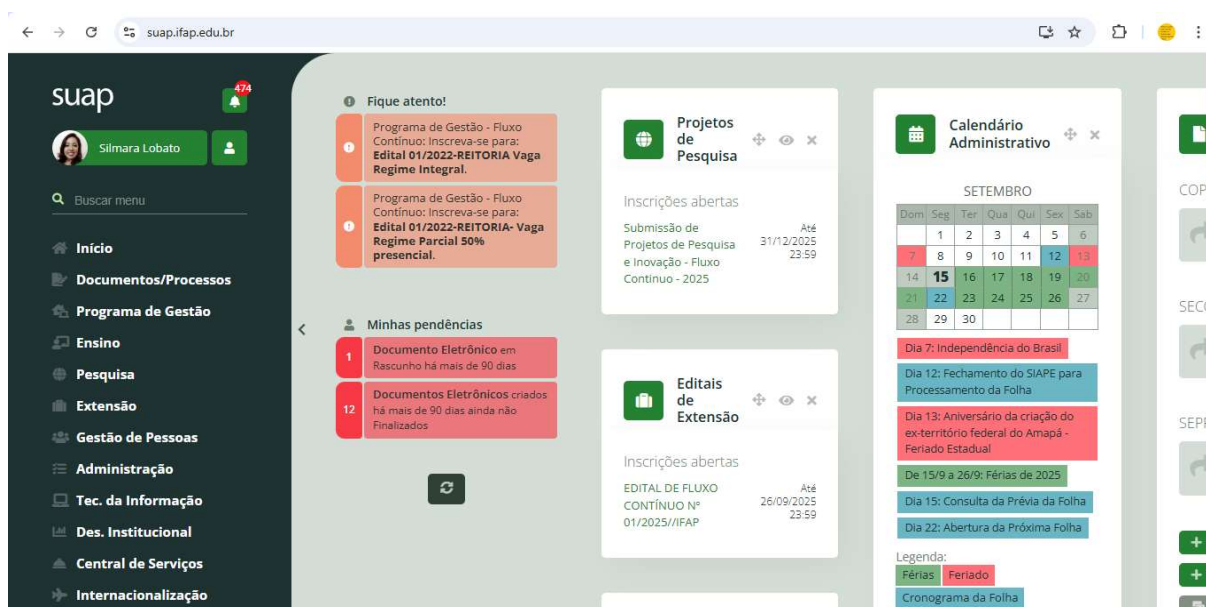
O primeiro passo na condução desta pesquisa foi a definição do tema e formulação do problema de pesquisa. Isso envolveu a identificação de uma questão relevante e que pudesse ser verificada no ambiente educacional ao qual tenho acesso. Nessa direção, o Marabaixo, manifestação artístico-cultural amapaense, foi o tema central escolhido, pois, conforme já exposto, se trata de objeto pertinente à realidade por mim vivenciada e que, por fazer parte da cultura e da identidade cultural do Amapá, precisa ser abordado nos mais diversos prismas e contextos, em especial o educacional. A questão formulada foi assim definida: de que forma o Marabaixo e seus elementos estão presentes nos projetos de extensão do Instituto Federal do Amapá, no período de 2019 a 2024? A pesquisa questiona e tem como hipótese de que esses projetos ajudaram a fortalecer o Marabaixo como parte integrante da identidade cultural amapaense.

Após isso, foram elaborados objetivos para direcionar o trabalho e escolhida a abordagem metodológica a ser implementada no processo de elucidação da questão proposta. Assim, a pesquisa foi iniciada a partir do levantamento e pesquisa bibliográfica sobre o tema. Para escolha dos autores, foi considerada a semelhança e convergência entre suas obras e as ideias a serem analisadas, além de sua relevância na trilha criada para o desenvolvimento do

tema. Cabe destacar aqui a importância crucial das obras de Roque Laraia de Barros, Terry Eagleton e Clifford Geertz na conceituação de cultura e ainda da Dra. Piedade Lino Videira, da Ma. Helen Costa Coelho e do saudoso amigo, Dr. Fernando Canto, sobre todos os aspectos apresentados sobre Marabaixo.

Finalizada a etapa anterior, a Pesquisa Documental foi o passo seguinte. Através do *login* ao Sistema Unificado de Administração Pública⁶ (SUAP) e utilizando a senha de servidor, é possível acessar diversas funcionalidades e visualizar atividades, processos, documentos e tarefas. Cada perfil é adequado ao seu usuário e ao setor ao qual está lotado, porém é perfeitamente possível acessar informações diversas através do menu esquerdo. Alunos também possuem acesso ao SUAP, porém o perfil é mais simplificado, destacando principalmente as questões acadêmicas e documentais do discente.

Figura 4 – Visão geral da Plataforma SUAP – acesso servidor

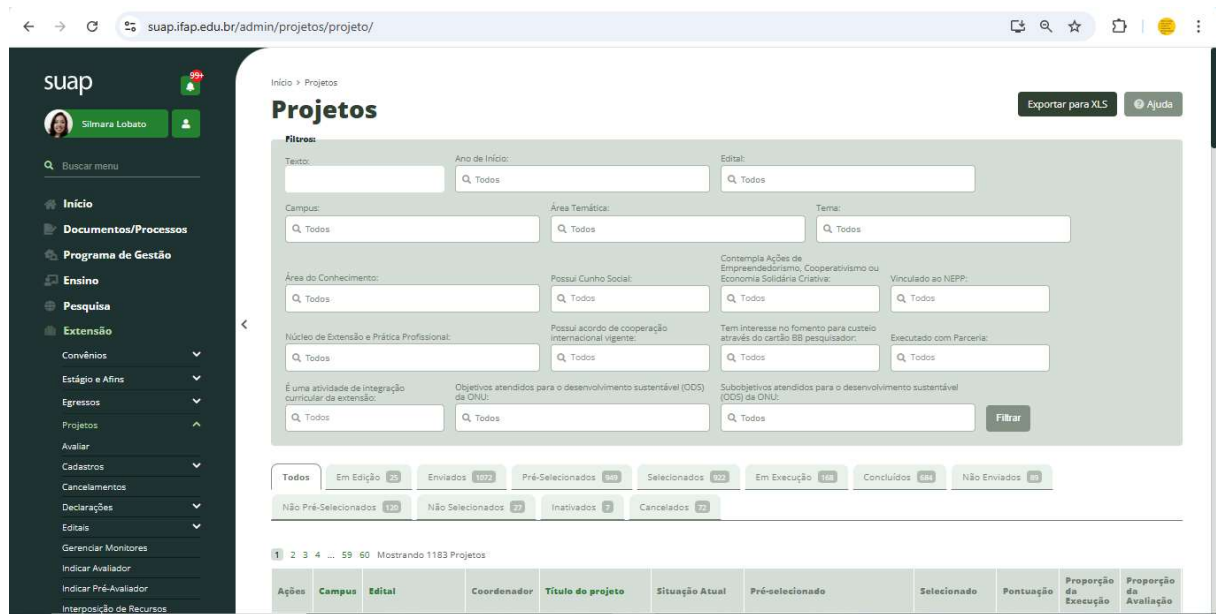


Fonte: SUAP/IFAP

Em seguida, foi acessado no menu esquerdo, o módulo Extensão > Projetos > Projetos. Na tela apresentada, aparecem 17 filtros e 11 abas:

⁶ www.suap.ifap.edu.br

Figura 5 – SUAP – Módulo Projetos de Extensão



Fonte: SUAP/IFAP

Foi acessada a aba “Concluídos” e inseridos os filtros:

- Texto: Marabaixo

- Ano de início: 2019/2020/2021/2022/2023/2024;

- Edital: Foram selecionados todos os editais de extensão no período de 2019 a 2024 (21 editais no total);

- Área temática: Cultura / Educação / Multidisciplinar

O resultado obtido a partir dessa busca foi um total de 6 projetos.

3.2 Sistematização dos Dados

Através da ferramenta de busca utilizada na plataforma SUAP, foi possível coletar as seguintes informações:

Tabela 2 – Quantitativo e Informações Gerais dos Projetos de Extensão

nº do Projeto	Nome do Projeto	Campus	Ano	Elementos do Marabaixo presentes no projeto	Instrumentos metodológicos utilizados (evidências)	Contexto da Culminância do Projeto
1	A Capoeira como forma de resistência ao racismo e discriminação racial	Macapá	2023	- Dança - Ladrões - Toque da Caixa	Roda de Marabaixo na abertura do evento	Dia da Consciência Negra

2	Marabaixo: narrativas poética	Macapá	2023	- Roupas - Dança - Ladrões - Roda de Marabaixo	- Roda de Conversa - Exposição de pinturas temáticas - Evento alusivo ao “Dia estadual do Marabaixo”	Dia Estadual do Marabaixo
3	Círculo de Cultura do Marabaixo do Maruanum	Porto Grande	2023	Todos os elementos utilizados pela própria comunidade	Roda de conversa com pessoas da comunidade do Maruanum	Atividade realizada <i>in loco</i> , em comunidade tradicional praticante da cultura do Marabaixo
4	Africanidades (com) ciência	Santana	2024	- Dança - Ladrão - Toque da caixa	Roda de Marabaixo	Dia da Consciência Negra
5	Políticas Afirmativas: Semana da Consciência Negra e SNCT	Oiapoque	2024	- Dança - Ladrão - Toque da Caixa - História do Marabaixo	- Roda de Conversa - Roda de Marabaixo	Semana da Consciência Negra / Semana Nacional de Ciência e Tecnologia
6	Arte, cultura e Diversidade	Oiapoque	2024	- Dança - Ladrão - Toque da Caixa	- Aulas expositivas; - debates; - Rodas de Marabaixo	Projeto de execução contínua.

Fonte de Dados: SUAP/IFAP.

3.3 Análise dos Dados

Ao analisar o quantitativo de projetos por unidade, constata-se que somente 4 das 7 possuem projetos registrados e concluídos. Os *campi* com maior número de projetos são Macapá e Oiapoque, com destaque especial para o último, localizado em município de fronteira, sem tradição de Marabaixo registrada. Vale destacar também a atividade registrada no âmbito do Câmpus Porto Grande, a única que envolveu, em sua metodologia, uma comunidade tradicional praticante do Marabaixo.

Ao passar para a análise sobre a presença do Marabaixo nesses registros, primeiramente buscou-se localizar a metodologia e quais elementos do Marabaixo estavam presentes, ainda que indiretamente. O resultado mais encontrado foi “Roda de Marabaixo”, o que levou a inferir a inclusão da dança, do ladrão e do toque da caixa, elementos básicos da atividade citada. As exceções foram as roupas, retratadas em pinturas e as histórias do Marabaixo, apresentadas através de Círculo de Cultura, rodas de conversa e aulas expositivas, evidenciadas através de fotos inseridas nos registros dos projetos.

Quanto à culminância, foi possível observar a predominância do dia ou semana da consciência negra para realização da culminância dos projetos propostos. Não há porque problematizar tais escolhas, uma vez que o próprio Marabaixo é tradição afrodescendente (Videira, 2009) e segue resistindo (Canto, 1998). Entretanto, vale recordar a existência de todo um período tradicional - o Ciclo do Marabaixo - e outros contextos de realização dos festejos de Marabaixo (IPHAN, 2018) e que podem também ser motes para atividades e projetos no âmbito da EPT no Amapá.

Na coleta de dados desta pesquisa, observei também a fundamentação teórica dos projetos, a fim de compreender seus objetos centrais e, principalmente, as informações registradas sobre o Marabaixo e o seu papel no contexto das ações do projeto. Vale ressaltar que a fundamentação teórica é a base de uma atividade acadêmica, pois avaliza o que será executado dando credibilidade e caráter científico. Para realizar uma breve análise da fundamentação teórica dos projetos, estes serão identificados conforme numeração correspondente na Tabela 2:

- Projeto 1: A fundamentação teórica faz uma narrativa histórica sobre a Capoeira, além de informações acerca da origem da luta, elementos que a compõem e suas principais características. Também são citados documentos que fazem referência à normatização de sua prática e ainda ao reconhecimento da Capoeira como patrimônio cultural e como esporte. O Marabaixo não foi citado, nem na fundamentação teórica, tampouco nas referências.
- Projeto 2: O projeto possui um embasamento teórico alicerçado na representação de imagens como instrumento de análises críticas sobre identidade cultural. Discorre ainda sobre o papel do professor contemporâneo ao se recolocar no papel de protagonismo de suas práticas pedagógicas. O Marabaixo é apresentado como eixo central da reflexão, possibilitando através da “educação da cultura visual” dinamizar o processo educacional. Ressalta ainda o quanto este é referendado, mas pouco reconhecido por seu papel educacional. Autores como Banks, Dewey e Dias, entre outros, sustentam as ações do projeto em sua contextualização, delimitação e validação. Ao discorrer sobre o Marabaixo, é importante destacar a utilização de Videira, uma das principais referências em pesquisa sobre o Marabaixo do Amapá.
- Projeto 3: A fundamentação teórica centraliza o Marabaixo no Amapá, discorrendo sobre suas origens, indicando as localidades onde a manifestação cultural ocorre e explicando conceitos e características de alguns de seus elementos. Através da sustentação teórica sustentada através dos autores Canto, Costa e Videira, o projeto ressalta a importância histórica e cultural, estabelecendo-o como instrumento de resistência e empoderamento, nas mais diversas dimensões, para as comunidades tradicionais afroamapaenses.

- Projeto 4: Neste projeto, a fundamentação teórica traz, inicialmente, a contextualização dos elementos da cultura africana a partir de sua chegada ao Brasil através dos negros escravizados e sua contribuição para a formação de uma identidade cultural brasileira. Faz referência à diversidade cultural afro-brasileira, com ênfase aos elementos da religiosidade e a manifestações artístico-culturais. Ao comentar acerca da cultura negra do Amapá, são citados o Marabaixo e o batuque como exemplo da influência africana na construção da identidade cultural amapaense. O Marabaixo é destacado através de uma curta descrição de seu conceito e realização. O autor Munanga é base teórica central do projeto que também cita outros dois autores não identificados na referência, nos comentários sobre o Marabaixo e a cultura amapaense.
- Projeto 5: Este projeto exalta inicialmente a instituição do Dia da Consciência Negra em homenagem a Zumbi dos Palmares. Após, relaciona esta data à reflexão e luta contra racismo no Brasil, atribuindo-o, entre outras razões, à falta de compreensão da diversidade e a uma divisão social entre brancos e negros. Através dos autores Munanga e Gomes, a fundamentação teórica destaca a luta pela igualdade racial e étnica no Brasil como uma luta constante, evocando o princípio da igualdade segundo a Constituição Federal de 1988 e à Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU). Por fim, apresenta a educação como instrumento de promoção da igualdade racial através do apoio e incentivo às ações afirmativas, à cultura negra e de construção de uma sociedade antirracista através da reflexão sobre a luta, resistência e a contribuição do povo negro para a sociedade brasileira. Não há menção direta sobre o Marabaixo.
- Projeto 6: A fundamentação teórica traz uma conceituação sobre cultura e diversidade cultural. Hall e Ribeiro sustentam essa discussão inicial, colocando a cultura como vínculo social entre os indivíduos e herança repassada através de gerações. Ressalta ainda o hibridismo cultural que é a junção de matrizes culturais diversas, provocando mutações através desse encontro. Apresenta o Brasil como um país culturalmente diverso e destaca Oiapoque como uma cidade multiculturalista, por se tratar de terra brasileira indígena que também é fronteira internacional, destaca a educação como instrumento emancipatório, conforme Freire, e de acesso à cultura através de atividades e projetos culturais. Por fim, enfatiza que a BNCC incentiva a valorização da cultura local e regional como parte integrante do currículo, o que ratifica a importância de projetos que oportunizem aos alunos contato com as manifestações culturais à produção artística local, regional e nacional.

3.3 Discussão dos Resultados

Até o ano de 2024, o IFAP possuía 7 unidades, sendo 4 *campi* autônomos (Macapá, Santana, Porto Grande e Laranjal do Jari), 1 Campus Avançado (Oiaपोque), 1 Centro de Referência em Educação à Distância (Pedra Branca do Amapari) e 1 unidade administrativa (Reitoria). Essas unidades representam a EPT no Amapá.

Conforme citado anteriormente, a EPT possui dentre outros princípios, a responsabilidade de ofertar uma formação integral omnilateral a seus alunos. “A formação humana integral omnilateral inclui o trabalho, a formação física, a ciência, a tecnologia e a cultura” (Pacheco, 2023, p.67), promovendo a formação de cidadãos críticos, participantes das transformações sociais e conscientes de seu papel na sociedade.

Importante frisar que atividades e projetos de extensão, em sua concepção, envolvem a comunidade externa ao ambiente escolar, proporcionando inclusão, formação e oportunidade de interação com a comunidade interna. Importante salientar ainda que a formação ofertada, tanto ao público externo pode ser realizada através de rodas de conversa, palestras, oficinas, cursos de formação inicial e continuada, entre outros instrumentos.

Preliminarmente, percebo (e me causa um leve desgosto) o quanto o Marabaixo, uma das mais importantes manifestações culturais amapaenses, esteve presente em pouquíssimos projetos de extensão documentados no interstício pesquisado. Apenas 6 foram registrados no SUAP e concluídos, dentre os 515 projetos de extensão encontrados no período de 5 anos. E ainda que se leve em conta o contexto da pandemia, importa dizer que, mesmo com as atividades remotas, foram lançados editais e realizadas atividades online.

Acerca da fundamentação teórica dos projetos onde o Marabaixo esteve presente, é oportuno destacar dois aspectos: a maioria realiza uma excelente discussão sobre cultura. Os conceitos fundamentados a partir de estudiosos renomados, discussões sobre diversidade cultural e acerca das contribuições da cultura negra incorporadas à cultura brasileira estão presentes, validando as ações dos projetos. No entanto, discussões sobre a história, elementos do Marabaixo e sua importância enquanto parte integrante da identidade cultural amapaense é bastante frágil. Poucas referências desta manifestação foram utilizadas e, em dois projetos, nenhuma referência ao Marabaixo foi feita.

Vale destacar ainda que, em sua maioria, os projetos denotam o Marabaixo como uma “atração cultural” em meio às culminâncias. Foram utilizadas rodas de marabaixo, com canto e dança, numa abordagem acessória e folclórica. Perde-se, então, a oportunidade de evidenciar valorizar os grupos que construíram e preservam a tradição e de promover o contato dos

discentes com pessoas, lugares, objetos e histórias para que compreendam os processos que permitiram que essa manifestação cultural chegasse ao seu momento histórico atual (Cordeiro, 2024). O potencial educativo do Marabaixo é pouco aproveitado,

Isso significa para a comunidade escolar, em toda a sua extensão técnica, pedagógica e gestora a necessidade de desenvolver, atividades escolares que partam inicialmente das expressões e construções históricas, sociais e culturais da comunidade, ou seja, dos saberes populares expressos nas várias formas de comunicação verbal e não verbal, os quais precisam ser conhecidos e respeitados dentro do contexto educacional formal. (Videira, 2008 p.11)

Finalmente, é possível perceber, nas metodologias aplicadas, a ausência de menção a recursos didáticos como documentários, cartilhas, revistas ou artigos que pudesse introduzir ou direcionar de maneira atrativa para a comunidade escolar, em especial para os discentes, informações básicas sobre o Marabaixo e seus elementos.

Portanto, ao visualizar os dados, ficou evidente a escassez de informações, caracterização e embasamento teórico sobre o marabaixo e seus elementos na maioria dos projetos. Foi possível notar também o caráter acessório dado a ele (apenas dois deles centralizam), falta de menção a ferramentas educativas sobre o tema e poucas ações de efetiva valorização da manifestação cultural como instrumento de fortalecimento da identidade cultural amapaense no âmbito da educação profissional e tecnológica ofertada pelo Instituto Federal do Amapá.

4 PRODUTO EDUCACIONAL

Para iniciar esta exposição, busquei o conceito de produto no contexto da pesquisa educacional.

Produto é o bem materializado para suprir as demandas do ambiente externo. É a oferta deste artefato que irá possibilitar o estreitamento da relação entre a instituição ofertante do produto e os seus clientes, e é esta relação dialógica que irá definir o sucesso ou fracasso do empreendimento no ambiente concorrencial do qual ele faz parte (Silva *et al.*, 2019, p.110).

A partir dessa definição, ficou claro que preparação para a elaboração e oferta de um produto precisa estar concatenada com as necessidades do ambiente institucional e de vivências do pesquisador, uma vez que “a não observância ao princípio do atendimento às necessidades do ambiente fazem com que o produto fracasse antes mesmo de seu processo de produção” (Silva *et al.*, p.112).

No âmbito do Mestrado Profissional, o Produto Educacional figura como pré-requisito para a formação pretendida. O ProfEPT, como todo Mestrado Profissional da área do ensino “exige que, em nenhum instante e de nenhuma forma, estejam separadas a formação profissional a que se dirige e a pesquisa associada ao que ela envolve” (Moreira, 2004, p.133), uma vez que:

No Brasil, do ponto de vista de políticas públicas, o Mestrado Profissional tem como finalidade a formação de profissionais qualificados que poderão contribuir para o desenvolvimento social, científico-tecnológico e cultural do país. O propósito é formar e capacitar pessoas, qualificando-as para a prática profissional contemporânea inovadora, que atendam às demandas sociais, organizacionais ou profissionais do mundo do trabalho. (Pasquali, Vieira e Castaman, 2018, p. 110)

Neste sentido, como Produto Educacional atrelado aos objetivos desta pesquisa, desenvolvi uma Cartilha chamada “Vem conhecer Marabaixo”, que apresenta os principais elementos da manifestação cultural ao público que a acessa. A escolha do formato do Produto como Cartilha, justifica-se a partir da ideia de que estas

[...] podem ser elaboradas a partir de uma realidade estudada, associando elementos verbais e não verbais, como imagens e esquemas, a fim de facilitar a socialização e o entendimento de informações que precisam ser compartilhadas entre as pessoas (Alves, Gutjahr e Pontes, 2019, p. 70)

A escolha dos conteúdos foi direcionada a partir da percepção da necessidade de apresentar de forma simples, fácil e atrativa, os componentes que fazem parte da mais destacada tradição cultural autenticamente amapaense.

4.1 Elaboração da Cartilha

O processo de elaboração teve início a partir da lacuna constatada nos resultados desta pesquisa, afinal, existe a necessidade de materiais didáticos que possam ser utilizados para auxiliar a difusão do conhecimento sobre o Marabaixo e seus elementos nos ambientes educacionais, em especial, na EPT onde a pesquisa foi realizada. A seguir, para a escolha dos conteúdos, fiz então uma busca em livros, artigos, sites e aplicativos, para escolha dos textos (que precisavam ser informativos sem ser cansativos), conceitos, fotos e links que pudessem ser oferecidos como material de apoio no corpo da cartilha.

De posse das informações necessárias, passei a pesquisar na ferramenta online *Canva*⁷ modelos acessíveis, gratuitos e interessantes para a elaboração da cartilha a partir destes. Busquei ainda por fontes e molduras descontraídas e que combinassem com o estilo pretendido para o Produto Educacional. Fixados os componentes selecionados no *Canva*, passei então à diagramação da cartilha, sempre buscando deixá-la com informações interessantes a partir de figuras e textos curtos a médios.

Ao final da cartilha foi acrescentada uma seção chamada de “Galeria”, com fotos legendadas, pensada como forma de homenagear lugares e pessoas que mantiveram a tradição do Marabaixo para que esta pudesse ser parte tão significativa da cultura amapaense e, por conseguinte, objeto deste estudo.

4.2 Avaliação do Produto Educacional

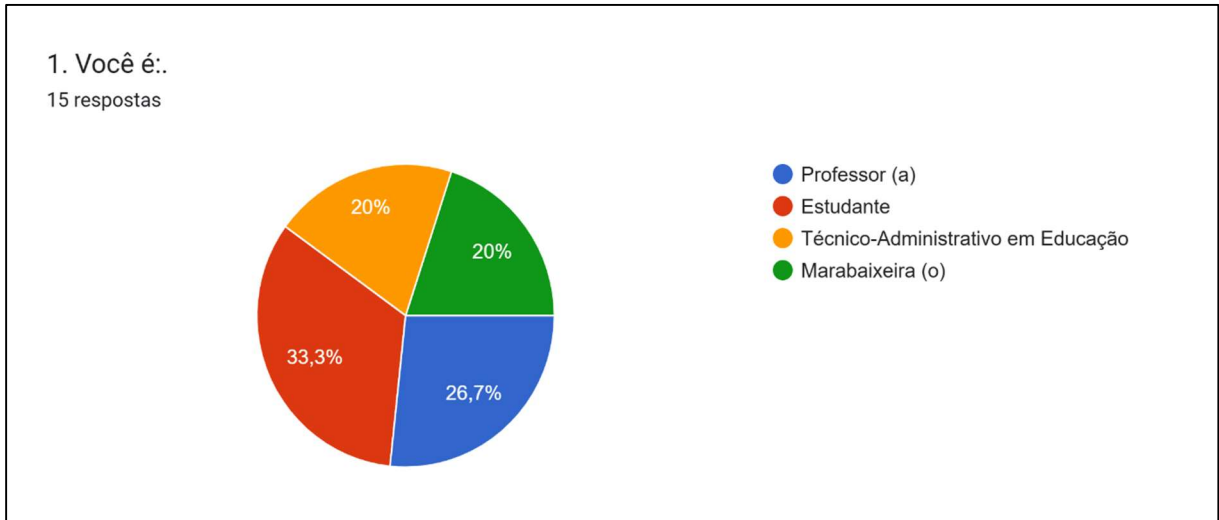
Após a finalização da Cartilha, esta foi publicada no Google Drive, gerando o link aberto:

https://drive.google.com/file/d/1XGBVi8EfHkMvFBMMEqi_0m1gDhHVinLm/view?usp=sharing e elaborado um questionário de avaliação na ferramenta Google Forms. A primeira pergunta, para identificação do público, possuía as seguintes opções: Professor / Estudante / Técnico Administrativo em Educação / Marabaixeira (o).

⁷<https://www.canva.com/>

O público foi escolhido a partir da ideia de alcance da comunidade escolar da EPT e do aval dos representantes da manifestação cultural abordada. 15 pessoas responderam ao questionário de avaliação, na seguinte proporção:

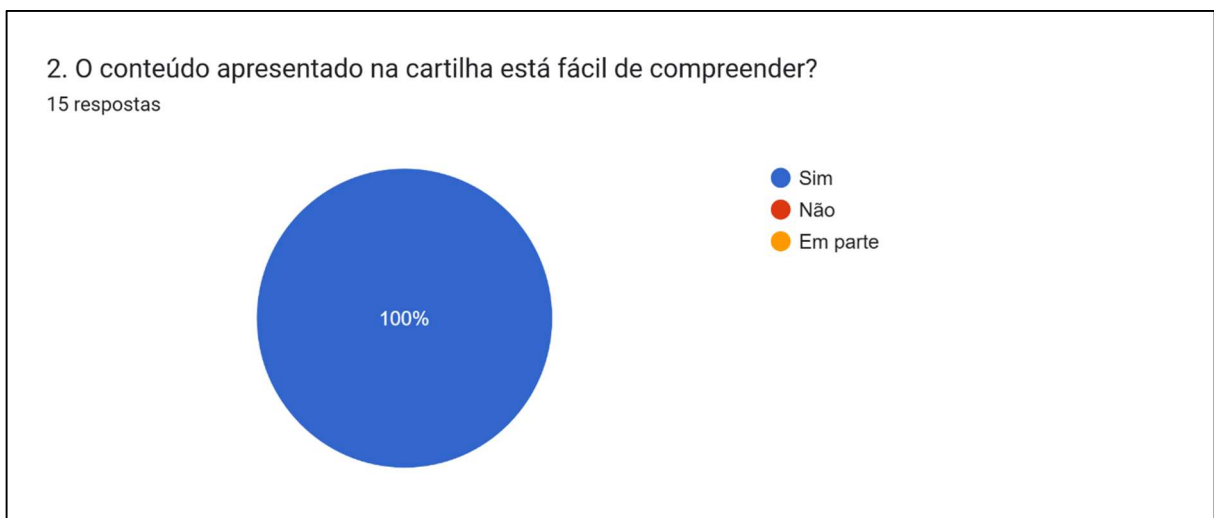
Gráfico 1 – Identificação do Público



Fonte: Questionário aplicado/Google Forms

O questionário seguiu com perguntas que ofereciam 3 opções de respostas (Sim / Não / Em parte). Constaram as seguintes perguntas e quantitativo de respostas:

Gráfico 2 – Avaliação da facilidade na compreensão do conteúdo



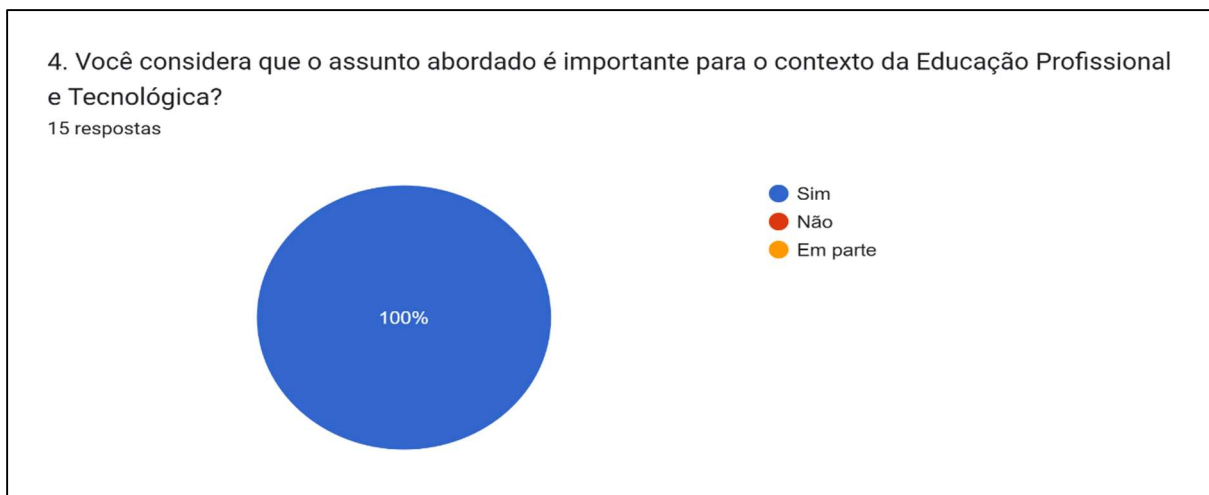
Fonte: Questionário aplicado/Google Forms

Gráfico 3 – Avaliação dos recursos complementares utilizados



Fonte: Questionário aplicado/Google Forms

Gráfico 4 – Avaliação da importância do assunto para o contexto da EPT



Fonte: Questionário aplicado/Google Forms

Gráfico 5 – Avaliação da Cartilha como Recurso Didático

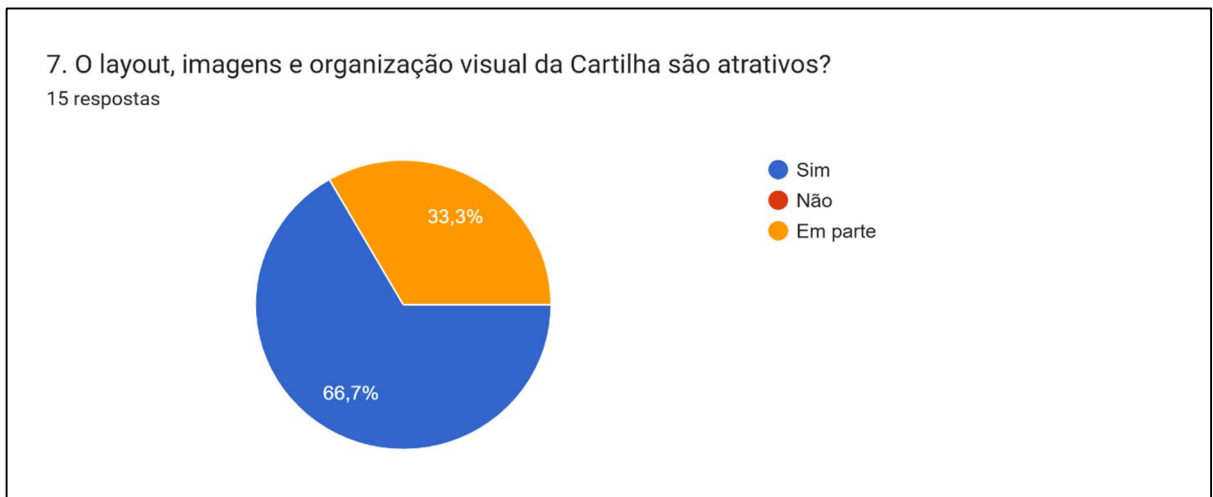


Fonte: Questionário aplicado/Google Forms

Gráfico 6 – Avaliação da linguagem utilizada

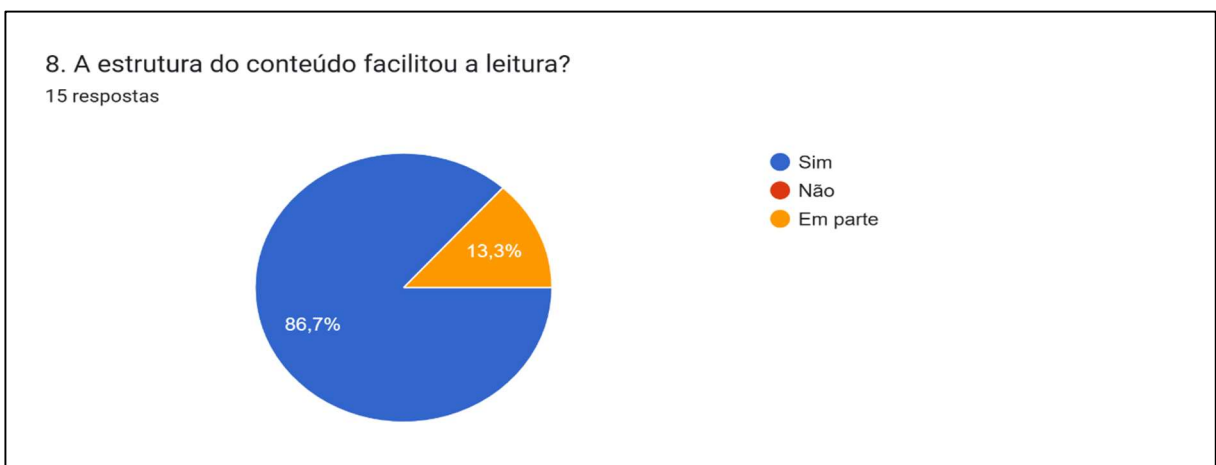


Fonte: Questionário aplicado/Google Forms

Gráfico 7 – Avaliação do *layout* e dos Recursos Visuais

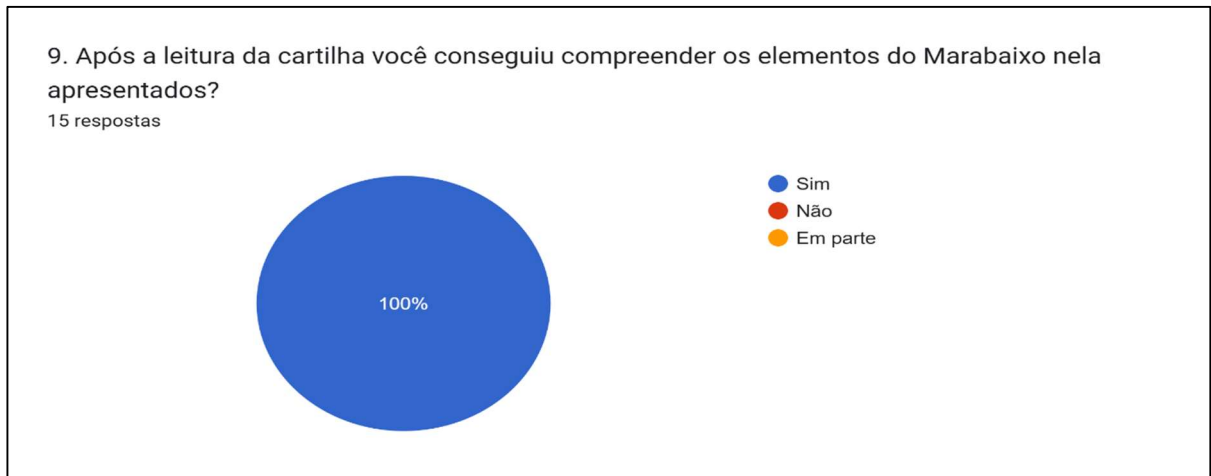
Fonte: Questionário aplicado/Google Forms

Gráfico 8 – Avaliação da estruturação do conteúdo



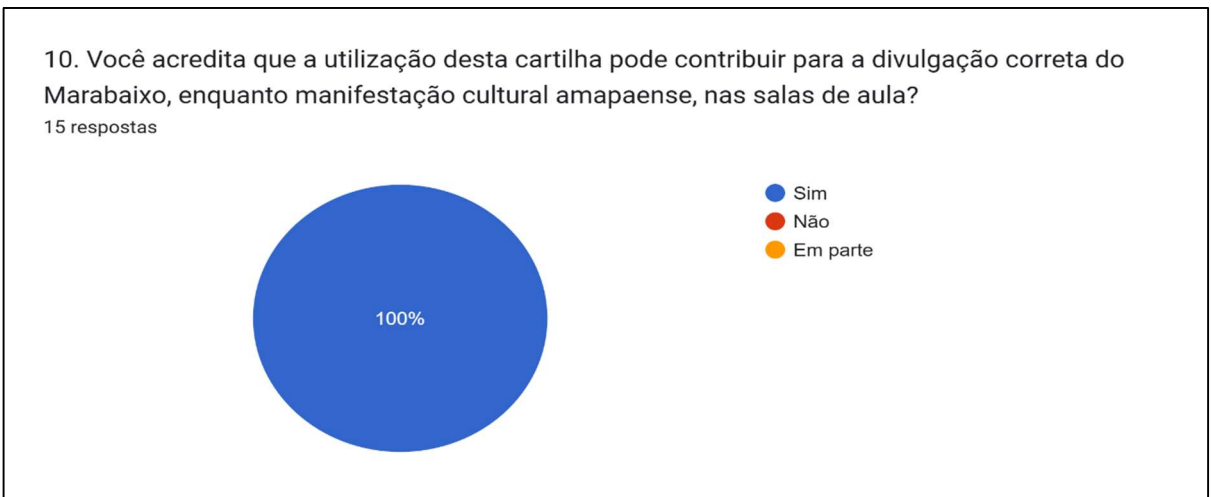
Fonte: Questionário aplicado/Google Forms

Gráfico 9 – Avaliação da compreensão geral dos conteúdos



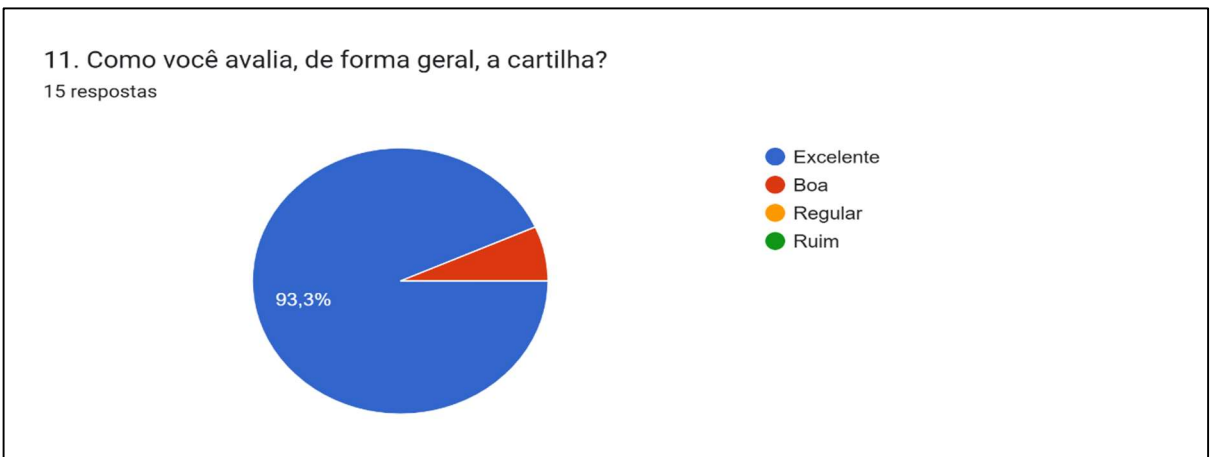
Fonte: Questionário aplicado/Google Forms

Gráfico 10 – Avaliação como instrumento de divulgação do Marabaixo nas salas de aula



Fonte: Questionário aplicado/Google Forms

Gráfico 11 – Avaliação geral da Cartilha



Fonte: Questionário aplicado/Google Forms

Ao final do questionário, foi disponibilizado um campo para sugestões de melhoria do Produto Educacional. Dentre as proposições deixadas, destaco:

- Utilização de recursos multimídia variados (reprodução de sons, animações e vídeos);
- Possibilidade de adaptação para as séries iniciais;
- Inclusão de um glossário com termos específicos do Marabaixo e da cultura afro-amapaense;
- Inclusão de mais pioneiros na galeria;
- Aprofundar o tema a partir da prática do Marabaixo nas comunidades tradicionais.

Certamente as sugestões serão estudadas e, dentro do possível, implementadas futuramente para aperfeiçoamento do recurso didático, desde que não desvirtuem o propósito do Produto Educacional apresentado. Em linhas gerais, mediante os resultados expostos, a Cartilha “Vem conhecer Marabaixo” mostrou-se completamente satisfatória para o resultado pretendido com sua elaboração e é apresentada como uma alternativa atrativa para introdução de conhecimentos básicos sobre a mais autêntica manifestação cultural do estado do Amapá e visando auxiliar em futuros projetos e ações – sejam de ensino, pesquisa ou extensão – que fortaleçam o Marabaixo enquanto parte da identidade cultural *tucuju*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Marabaixo, manifestação cultural amapaense e Patrimônio Cultural e Imaterial do Brasil está em processo de Salvaguarda. Isso corresponde às ações que devem ser implementadas, no âmbito da educação formal e não formal, para que ele seja fortalecido e valorizado como merece. Esse reconhecimento, é fruto de muita luta do povo marabaixeiro.

A resistência das comunidades afrodescendentes e quilombolas no Amapá é inspiradora. O perigo sempre iminente de extermínio da população de suas tradições, muito em razão de preconceitos raciais e sociais, nunca lhes tirou o ânimo de lutar para preservar a maior herança deixada por seus antepassados, que mesmo sequestrados e escravizados ou expulsos de sua terra natal, trouxeram na “bagagem” o toque dos tambores e os cantos de alegria ou lamento.

Esse povo negro que aqui chegou e se miscigenou com os índios e caboclos ribeirinhos, compartilha conosco suas rimas, seu ritmo, sua bebida, suas rezas e sua genialidade em forma festejo. Proporciona a este povo amapaense, a possibilidade de uma identidade cultural própria. Um tanto de índio, um tanto de preto, um tanto de branco. Mas é festa de preto!

A importância da educação no processo de Salvaguarda é central. Portanto, também é preciso vislumbrar o papel da EPT – através de professores, técnicos administrativos e gestão – nesse processo. Esses profissionais podem criar oportunidades de conhecimento e troca de experiências com o povo marabaixeiro. Podem abrir as portas da EPT para essa cultura.

Existem muitas formas de tornar a cultura acessível. Mas seguindo a linha desta pesquisa, defendo que os projetos de extensão são instrumentos excelentes que podem ser essa ponte de ligação. No IFAP todos os anos são lançados editais de projetos de extensão. Um deles de fluxo contínuo, aceitando proposituras durante todo o ano letivo. São oportunidades que, infelizmente, são pouco aproveitadas, conforme observado nos dados coletados neste trabalho.

Foi possível observar ainda, a partir desta pesquisa que poucos elementos do Marabaixo são trabalhados nos projetos que o envolvem; que não foram registradas as entradas de grupos tradicionais de Marabaixo no IFAP; que foram raras as rodas de conversa, as aulas expositivas ou palestras sobre o tema. As rodas de Marabaixo aconteceram, é fato, mas pouco é registrado dessa relação do IFAP com a cultura marabaixeira. A valorização, a presença, a troca de experiências precisa ser registrada. São esses documentos que poderão ser acessados daqui a anos assim como foram acessados para esta dissertação.

Por fim, com a elaboração da Cartilha “Vem Conhecer Marabaixo” como produto educacional deste trabalho, espero poder contribuir de forma fácil e interessante com a divulgação de informações básicas sobre os elementos que fazem parte da prática do Marabaixo

e estimular que mais pessoas possam valorizar e reconhecer como identidade cultural essa manifestação que tanto amo e na qual me sinto representada como artista, como servidora da EPT e como mulher amapaense.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Raynon Joel Monteiro; GUTJAR, Ana Lúcia Nunes; PONTES, Altem Nascimento. Processo metodológico de elaboração de uma cartilha educativa socioambiental e suas possíveis aplicações na sociedade. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**. São Paulo, v. 14, n. 2: 69-85, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/2595> . Acesso em 20 dez 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 12 set 2025.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 12 set 2025.
- CALDAS, Yurgel Pantoja; MACIEL, Kerllyo Barbosa; ANDRADE, Estrela Veg da Cruz de. Marabaixo: identidade e cultura de resistência. **Revista Identidade (EST, São Leopoldo)**, v. 23, n. 1, p. 26–43, jan./jul. 2018. PDF: periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/viewFile/3298/3050.
- COELHO, Helen Costa. **Cultura e Religião nos Ladrões de Marabaixo**. 1. ed. São Paulo: Appris, 2022. 154 p. ISBN 978-65-250-1849-2.
- CORDEIRO, Albert Alan de Sousa. As competências da cultura: a interculturalidade funcional na Base Nacional Comum Curricular. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 76, p. 293-305, jan./mar. 2024. DOI: 10.12957/teias.2024.75985. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/75985>. Acesso em: 5 ago 2025.
- CORDEIRO, Albert Alan de Sousa. **“Por que você ainda fica falando sobre isso?”: Um estudo decolonial da relação entre Educação Escolar e Cultura Popular na Amazônia Brasileira**. 272 f. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Federal do Pará, Belém, 2021.
- DA MATTA, Roberto. **Você tem cultura?**. **Jornal da Embratel**. Rio de Janeiro, 1981. Disponível em <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=488483> . Acesso em 21 abr 2024.
- FARIA RODRIGUES, T. D. de F. ; SARAMAGO DE OLIVEIRA, G.; ALVES DOS SANTOS, J. As Pesquisas Qualitativas e Quantitativas na Educação. **Revista Prisma**, v. 2, n. 1, p. 154-174, 25 dez. 2021. Disponível em <https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/view/49> . Acesso em 12 set 2025.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Dossiê de Registro – Marabaixo**. Brasília: IPHAN, 2018. Disponível em: https://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE_MARABAIXO.pdf. Acesso em: 06 set 2025.

JUZWIAK, Victor Ridel; SILVA JÚNIOR, Astrogildo Fernandes da. Um olhar histórico sobre os percursos legais que antecederam a Base Nacional Comum Curricular. **Revista Educação e Políticas em Debate**, v. 11, n. 2, p. 810-829, abr. 2022. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistaeducapoliticas/article/view/61246>. Acesso em: 12 set 2025.

LARAIA, Roque de Barros. O conceito antropológico de cultura. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 49, n. 196, p. 858-869, 1989. Disponível em: <<https://reb.itf.edu.br/reb/article/view/3080>>. Acesso em: 1 set. 2025.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Raça e História** [PDF]. Paris: UNESCO, 1952. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/1360> . Acesso em: 5 set. 2025.

MACIEL, Kerllyo Barbosa; SILVA, Marinete Furtado Carvalho da; TRINDADE, Paula Iara de Abreu da. Ladrões de Marabaixo: narrativa poética de resistência, memória e identidade cultural. **Anais da ANPUH-Seção Amapá**, v. V, n. 2, jan-jun de 2018. p. 96-111 , Disponível em: https://www.ap.anpuh.org/download/download?ID_DOWNLOAD=2008. Acesso em: 14 set 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Técnicas de pesquisa: entrevista como técnica privilegiada de comunicação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 261-297.

MOREIRA, M. A. O mestrado (profissional) em ensino. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2011. DOI: 10.21713/2358-2332.2004.v1.26. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/26>. Acesso em: 15 set. 2025.

NARCISO, Vaneza Pereira; BORGES, Andréa Jaqueira da Silva; SALES, Marcos Paulo. *A construção da identidade cultural no artesanato para o desenvolvimento sustentável do saber-fazer*. **Sustentabilidade: Diálogos Interdisciplinares**, v. 4, e237211, 2023. DOI:10.24220/2675-7885v4e2023a7211

OLIVEIRA, Wesley Vaz. **Cultura e mercado no Rap Tucuju: uma análise da Máfia Nortista e Nós pur Nós Rec**. 138 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

PACHECO, Eliezer Moreira. Breves anotações sobre os Institutos Federais. In: PACHECO, Eliezer Moreira; FIORUCCI, Rodolfo (orgs.). **15 Anos dos Institutos Federais: história, política e desafios**. Foz do Iguaçu: Parque Itaipu, 2023. p. 61-73.

PEDRO, Juliana Monteiro; COSTA, Célia Souza da; CALEIRO, Manuel Caleiro. PATRIMÔNIO CULTURAL DO BRASIL: RESISTÊNCIA E (RE)EXISTÊNCIA AFRO DO MARABAIXO (AMAPÁ/BRASIL). **Revista Direitos Culturais**, v. 15, n. 36, p. 131-166, 27 abr. 2020. Disponível em: <https://san.uri.br/revistas/index.php/direitosculturais/article/view/21/32>. Acesso 14 set.2025.

PINTO, Carolina Eiras; SANTOS, Iago Cerqueira dos; CRODA, Pamella Correia; CORREA,

Thiago de Jesus. **Pedagogia Griô: paradigmas para a arte/educação com a tradição oral**. ARS (São Paulo), 30 dez. 2021. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ars/article/view/178436>. Acesso em: 04 set 2025.

RAMOS, Hilário Ramos; MAZALO, João Viriato. Metodologias de investigação científica: passos para elaboração de artigos científicos. **Revista Nova Paideia - Revista Interdisciplinar em Educação e Pesquisa**, v. 6, n. 2, p. 137-155, jul./dez. 2024. DOI: 10.36732/riep.v6i2.398. Disponível em: <https://ojs.novapaideia.org/index.php/RIEP/article/view/398>. Acesso em: 13 set 2025.

SILVA, Alcy Jackson Soares da. **A Cultura Negra no Amapá: História, Tradição e Políticas Públicas**. Edição do autor. Macapá: Lê Arte Editora. 2014. 203 p.

SILVA, Caetana Juracy Rezende; PACHECO, Eliezer Moreira. A concepção do projeto político-pedagógico dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. In: PACHECO, Eliezer Moreira; FIORUCCI, Rodolfo (orgs.). **15 Anos dos Institutos Federais: história, política e desafios**. Foz do Iguaçu: Parque Itaipu, 2023. p. 5-27.

SILVA, José Maria da. Negritude, reconhecimento e patrimonialização do marabaixo no Amapá. **Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, 10 (23): 151-168, maio a agosto de 2023. ISSN: 2358-5587. Disponível em <https://portalamazonia.com/wp-content/uploads/2024/11/14578-Texto-do-Artigo-74241-1-10-20231231.pdf>. Acesso em 10 set. 2025.

TUZZO, S. A.; BRAGA C. F. O processo de triangulação da pesquisa qualitativa: o metafenômeno como gênese. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, SP, v.4, n.5, p. 140-158, ago., 2016. Disponível em <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/38>. Acesso em 02 set 2025.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Marabaixo, dança afrodescendente: significando a identidade étnica do negro amapaense**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

VIDEIRA, **Dança do Marabaixo: cultura Afroamapaense em evidência**. In: CONGRESSO NACIONAL DA FEDERAÇÃO DE ARTE E EDUCADORES DO BRASIL, 18., 2008, Crato. *Anais...* Crato: EdURCA, 2008.

APÊNDICE A – CARTILHA “VEM CONHECER MARABAIXO”



FICHA TÉCNICA

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá -
IFAP

Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e
Tecnológica - ProfEPT

Autora: Silmara da Silva Lobato

Orientadora: Prof^a Dra. Celia Souza da Costa

Produto Educacional: Cartilha “Vem conhecer Marabaixo”,
elaborada a partir da dissertação:
“Cultura na EPT: Elementos do Marabaixo nos projetos de
extensão do IFAP (2019 a 2024)”.

Público: Professores, Alunos e Técnicos Administrativos em
Educação.

APRESENTAÇÃO

Olá sumanos e sumanas! Tudo bem com vocês?

A cartilha “Vem conhecer Marabaixo” foi criada a partir da pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProFEPT), ofertado pelo Instituto Federal do Amapá (IFAP), Campus Santana, na linha de pesquisa Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica, através do macroprojeto “Propostas metodológicas e recursos didáticos em espaços formais e não formais de ensino na EPT”.

Este produto educacional está relacionado à pesquisa realizada para a dissertação intitulada “Cultura na EPT: Elementos do Marabaixo nos projetos de extensão do IFAP (2019 a 2024)” e tem por objetivo apresentar os principais elementos que compõem a prática do Marabaixo do Amapá.

Os conceitos e informações aqui apresentadas, são propedêuticas mediante a riqueza e características dos elementos da manifestação cultural afroamapaense, oferecendo ao público-alvo a oportunidade de acessar as noções básicas para explorar as demais possibilidades.

Então, “bora” conhecer Marabaixo?

Excelentes estudos!

SUMÁRIO

- O que é o Marabaixo?	5
Elementos do Marabaixo	
• A Caixa	6
• Ladrão de Marabaixo	7
• A dança	9
• Gengibirra	11
• O Ciclo do Marabaixo	12
Galeria	
• Barracões de Marabaixo de Macapá	13
• Alguns dos Pioneiros do Marabaixo no Amapá	14
- Links Adicionais	15
- Referências	16

I. O QUE É O MARABAIXO?

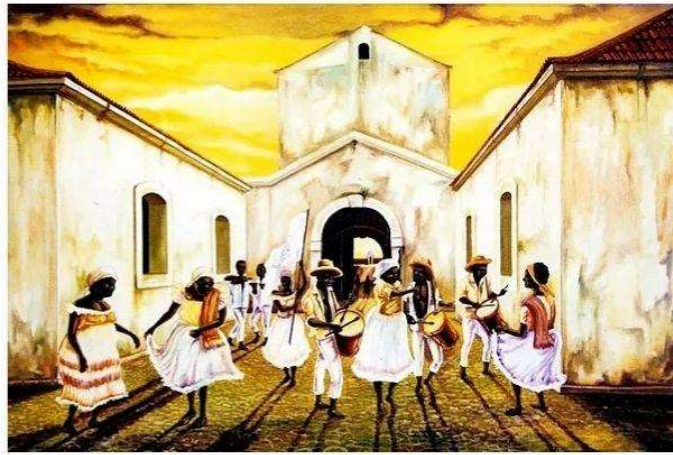


Ilustração do artista plástico amapaense Dekko. Sob o título "Macapá no Forte"

Fonte: Blog De Rocha/AP

Disponível em [🔗](#)

O Marabaixo é expressão artístico-cultural amazônica, se destaca por ser uma das maiores manifestações culturais de matriz africana do Estado do Amapá (Vieira, 2008).

Realizado para festejar santos católicos e em honra à Santíssima Trindade e ao Divino Espírito Santo, o Marabaixo é preservado por gerações de famílias tradicionais que habitam localidades rurais e bairros dos municípios de Macapá, Santana e Mazagão.

Os locais mais conhecidos da realização do Marabaixo são: Mazagão Velho, Igarapé do Lago, Carmo do Maruanum e Quilombo do Curiaú (zona rural); e nos bairros do Laguinho e Santa Rita - também chamado de Favela - na zona urbana de Macapá.

Sua dinâmica possui diversos elementos e rituais peculiares que caracterizam a riqueza: canto, dança, bebida, roupa, ciclo e festejo são alguns desses elementos que vamos conhecer juntos.

Bora?

2. ELEMENTOS DO MARABAIXO

A CAIXA DE MARABAIXO



Caixa de Marabaixo
Foto disponível em [\[link\]](#)

Caixa de Marabaixo s. f. ou caixa guerreira é um tipo de caixa artesanal constituída de duas peles, sendo uma delas a de resposta, pois quando a membrana superior é percutida, faz com que vibre a inferior que possui tiras ou esteiras. A caixa de marabaixo no estado do Amapá é feita com madeira cavada ou materiais recicláveis e é o principal instrumento que guia, dá ritmo e sonoridade na tradição do Marabaixo. (CAIXA, 2016, on-line).

O toque da caixa é o ritmo que embala as rodas de Marabaixo. Esse toque pode ser tradicional ou o chamado "Marabaixo de rua".

VOCÊ SABIA?

Cada tocador de comunidade tradicional possui seu toque de Marabaixo específico. Ou seja, o Marabaixo que se toca no Laguinho é diferente do que é tocado na Favela que por sua vez é diferente do toque de Mazagão Velho e assim por diante. É como uma identidade rítmica.



Saiba mais em <https://www.youtube.com/watch?v=GJNaCJYMOUc>

ELEMENTOS DO MARABAIXO

O LADRÃO DE MARABAIXO

As músicas que embalam as rodas de Marabaixo não possuem acompanhamentos de instrumentos harmônicos, como violão ou teclado. São entoadas pelos cantadores somente acompanhados pelas batidas da caixa e compostas por versos, chamados de ladrões.

“São versos tirados de improviso, com o objetivo de criticar, exaltar, agradecer, lamentar ou satirizar todos os fatos ocorridos no cotidiano da comunidade e nas relações sociais, no conjunto maior da sociedade. Os ladrões são versos roubados da memória por pessoas que tem habilidade com a rima.” (Vieira, 2009. p.138) Homens e mulheres que “tiram” os ladrões nas Rodas de Marabaixo são chamados “cantadores e cantadeiras”.

Os ladrões de Marabaixo, em sua maioria, são baseados em fatos reais, fazendo com que a manifestação cultural também seja um verdadeiro arsenal de histórias que aconteceram no passado com os pioneiros, e que vão acontecendo com as novas gerações, trazendo renovação aos “causos” contados e cantados nas rodas de Marabaixo.



Cantadeiras de Marabaixo

Foto: Paulo Rocha / Disponível em [\[link\]](#)

VOCÊ SABIA?

O ladrão de Marabaixo “Aonde tu vais, rapaz” foi gravado pelo rei do Baião, Luiz Gonzaga, na década de 70. Gonzaga foi muito amigo do governador Janary Gentil Nunes e veio ao Amapá várias vezes durante o mandato deste.

O ladrão, de autoria de Raimundo Ladislau, foi registrado por Gonzaga com o nome de “Marabaixo” e está disponível nas plataformas digitais até hoje.

ALGUNS REFRÕES DE LADRÕES
CANTADOS NAS RODAS DE MARABAIXO

ROSA BRANCA

Rosa Branca, açucena, lê lê
Case com a moça morena, lê lê
Rosa Branca serenada, ô lê lê
Quem foi que te serenou, ô lê lê
Foi o danado do sereno, ô lê lê
Que nos campos me apanhou, ô lê lê

AONDE TU VAIS, RAPAZ

Aonde tu vais, rapaz
Nesses caminhos sozinho
Vou fazer minha morada
Lá nos campos do Laguinho

É DE MANHÃ

É de manhã, é de madrugada
É de manhã, é de madrugada
Ô vamo tirar leite, Sa'Dona
Da vaca malhada
Ô vamo tirar leite, Sa'Dona
Da vaca malhada

GUARDARIÔ

Eu amanhã vou me embora, Guardariô
Eu não sou daqui, sou de Gurupá
Vou fazer um sambinha, Guardariô
Pra morena sambar, Guardariô

EU ACORDEI DE MADRUGADA

Eu acordei de madrugada
Pelo cantar da lira
Eu acordei de madrugada
Pelo cantar da lira
Valei-me Nossa Senhora
Nossa mãe, Santa Maria
Valei-me Nossa Senhora
Nossa mãe, Santa Maria

VIVA EU *

Oi viva eu, viva minha mãe também
Oi viva eu, viva minha mãe também
Viva Maria do Céu, mas o céu Foi em Belém
Maria do céu, Maria do céu
Mas o céu foi em Belém.

*Marabaixo de Rua

Saiba mais: Documentário: Ladrões de Marabaixo
Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=xxhu6Rlwmcw>

ELEMENTOS DO MARABAIXO

A DANÇA



Foto disponível em <https://mixologynews.com.br/05/2021/biomas-do-brasil/gengibirra-marabaixo/>

Na Dança do Marabaixo os movimentos das partes superiores do corpo, cabeça, braço e ombro são simples, assim como os das partes inferiores, quadril, pernas e pés. As mulheres dançam segurando a saia comprida e rodada num bailado cadenciado que envolve deslocamentos laterais, gingas corporais para frente e para trás e giros em todas as direções seguidos dos braços. Os quadris são requebrados e empurrados para frente, trás e ambos os lados. Dependendo da melodia da cantiga, se fôr lenta e triste, e/ou ritmada as dançadeiras tradicionais dançam marcando em um/dois o tempo e o compasso da música.

Dentro desta dança os partícipes seguem o passo básico de pés arrastados um seguido do outro, mas não ficam presos às regras, padrões e modelos, ou seja, todos dançam, desenvolvem suas singularidades e expressam seus sentimentos por intermédio do Marabaixo. A liberdade, criatividade e desenvolvimento individual na dança possibilitam aos brincantes embalarem seus corpos como desejarem. (Vieira, 2008, p. 09)

VOCÊ SABIA?

Na dança do Marabaixo não tem rebolado.

As mulheres dançam arrastando os pés e mexendo as saias com as mãos, em movimento “pra cima e pra baixo” enquanto são protegidas e cortejadas pelos homens.

Sobre esse movimento, a marabaixeira Daniella Ramos compôs um ladrão de Marabaixo que diz:

“Sacode a saia, morena, vai em cima, vai em baixo
Segura o rebolado na dança do Marabaixo”.

SAIBA MAIS:

Artigo: “Dança do Marabaixo: cultura Afroamapaense em evidência - Prof^a Dra. Piedade Lino Videira. Disponível em <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/46983> 

VÍDEO-AULA – A DANÇA DO MARABAIXO. YouTube, [s.d.]. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=_cHOAHyKcFO 

ELEMENTOS DO MARABAIXO

GENGIBIRRA



Foto disponível em <https://mixologynews.com.br/05/2021/biomas-do-brasil/gengibirra-marabaixo/>

A Gengibirra é a bebida típica que “anima” as rodas de Marabaixo. Feita de uma mistura batida de gengibre, açúcar, cachaça e água (algumas pessoas também usam cravo da Índia no preparo), ela serve para dar a energia e vigor necessários para os foliões, dançadeiras, cantadores e tocadores conseguirem tocar, cantar e dançar Marabaixo noite a dentro.

No rito do Marabaixo também é servido um caldo de carne, que, junto com a Gengibirra, forma a parte culinária da manifestação cultural.

Tanto a gengibirra quanto o caldo são ofertados de forma gratuita nos barracões, por ocasião dos festejos.

“Natalina Falou: gengibirra não é mole
não...”

Se o nego beber demais, vai fazer
‘zuêra’

Se perde pelo salão... e adeus
brincadeira”

Trecho da música “Mão de Couro” de
autoria de Joãozinho Gomes e Val
Milhomem

ELEMENTOS DO MARABAIXO

O CICLO DO MARABAIXO



Central do Marabaixo 2023 - Foto: IsraelCardoso / Gabbriel Penha / GEA
Disponível em [LINK](#)

No interstício compreendido entre o Sábado de Aleluia e o Domingo de Pentecostes, acontece o período denominado como “Ciclo do Marabaixo”. Nos bairros do Laginho e Favela e na zona rural de Macapá, são realizados os ritos da tradição que inicia com o Marabaixo do Sábado de Aleluia, na Favela e do Domingo de Páscoa, no Laginho.

Os barracões são os locais-base onde os festejos acontecem e estes são coordenados pelo “festeiro”, geralmente escolhido entre os membros das famílias tradicionais.

No Bairro do Laginho existem 2 barracões: Mestre Pavão e Tia Biló.

Na Favela, são 3 barracões: Tia Gertrudes, Dica Congó e Zeca e Bibi Costa.

E mais 2 Barracões na Zona Rural de Macapá: Campiã Grande e Casa Grande (Curiaú).

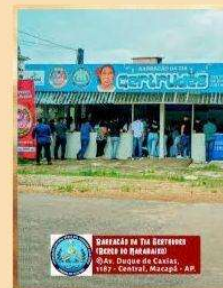
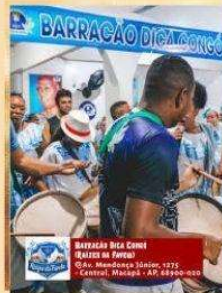
Na frente desses locais-base, são erguidos os mastros que são feitos do tronco de árvores retiradas das matas do Curiaú no sábado do Mastro e enfeitados com a murta trazida pelos foliões em procissão na Quarta-feira da Murta. Na ponta da cada mastro, uma bandeira é hasteada: a azul, do Divino Espírito Santo e a vermelha, da Santíssima Trindade.

Nos barracões ocorrem as ladainhas, missas de ação de graça, almoços temáticos e, é claro, as rodas de Marabaixo.

Desde 2023, na semana que antecede o início do Ciclo, ocorre no Centro de Cultura Negra do Amapá (CCNA), localizado no bairro do Laginho, o evento denominado Central do Marabaixo, onde acontece o encontro dos barracões, o que marca a preparação para os festejos do tradicional Ciclo do Marabaixo.

GALERIA

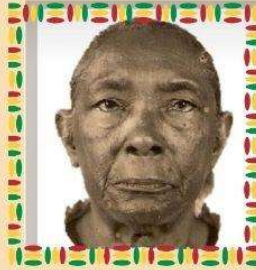
BARRACÕES DE MARABAIXO DE MACAPÁ



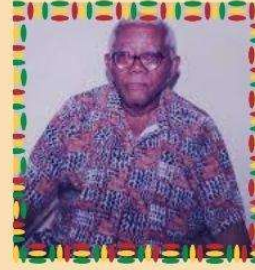
ALGUNS DOS PIONEIROS DO MARABAIXO DO AMAPÁ



Mestre Julião Ramos



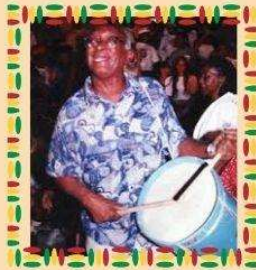
Tia Gertrudes



Mestre Sacaca



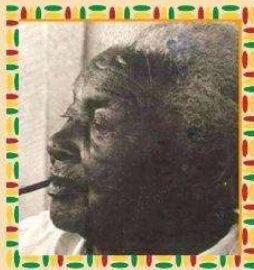
Tia Biló



Mestre Pavão



Dica Congó



Tia Venina



Tia Zefa



Tia Chiquinha

LINKS ADICIONAIS

Documentário MARABAIXO - Thomé Azevedo
<https://www.youtube.com/watch?v=Ya03BWzx78o>

Artigo: LADRÕES DE MARABAIXO EM MACAPÁ: IDENTIDADE CULTURAL, PODER, HISTÓRIA, MEMÓRIA E RELIGIOSIDADE NA AMAZÔNIA AMAPAENSE

Marcos Vinicius de Freitas Reis, Kerllyo Barbosa Maciel e Marcos Paulo Torres Pereira
 Disponível em <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/8298>

Documentário (longa-metragem): HISTÓRIAS DE MARABAIXO - Bel Bechara e Sandro Serpa
 Disponível em: <https://cultspplay.com.br/video/historias-de-marabaixo/>

Mini-documentário: "MARABAIXO, A DANÇA AFRICANA (1993)
 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZPxUr6MbUnY>

Artigo: COSTA, Célia Souza da. ANCESTRALIDADE E CULTURA AFRO NA DANÇA DO MARABAIXO DO MARUANUM-AMAPA, Sesc São Paulo, 2019. Disponível em:
<https://portal.sescsp.org.br/files/artigo/8360c4db/457e/4576/9e11/1f9aec62e5ba.pdf>.
 Acesso em: 12 set. 2025.

Artigo: FERREIRA, Camila Karina. Dia do Marabaixo: conheça história de ancestralidade e manifestação cultural no Amapá. Disponível em:
<https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2023/06/16/dia-do-marabaixo-ancestralidade-e-manifestacao-cultural.ghtml>. Acesso 14 set. 2025.

Artigo: PEDRO, Juliana Monteiro; COSTA, Célia Souza da; CALEIRO, Manuel Caleiro. PATRIMÔNIO CULTURAL DO BRASIL: RESISTÊNCIA E (RE)EXISTÊNCIA AFRO DO MARABAIXO (AMAPA/BRASIL). Revista Direitos Culturais, v. 15, n. 36, p. 131-166, 27 abr. 2020. Disponível em: <https://san.uri.br/revistas/index.php/direitosculturais/article/view/21/32>. Acesso 14 set. 2025.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Paulo. Como Tocar a Caixa de Marabaixo. Oficina do Mestre Bolão, Curiaú, Amapá; canal belsanbel. YouTube, [s.d.]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GJNaCJYMOUc>. Acesso em: 4 set. 2025.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Dossiê Marabaixo: expressão cultural afro-amapaense. Brasília: IPHAN, 2018. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Dossie_Marabaixo.pdf. Acesso em: 23 ago. 2025.

CAIXA. Caixa de Marabaixo. Acervo de membranofones. LABEET – Universidade Federal da Paraíba, 10 out. 2016. Disponível em: https://plone.ufpb.br/labeet/contents/paginas/acervo-brazinst/copy_of_membranofones/copy_of_caixa. Acesso em: 4 set. 2025.

CANTO, Fernando. A água benta e o diabo. Macapá: FUNDECAP/GEA, 1998.

DONA DICA CONGÓ PARTIU. Alcinea Cavalcante (blog), 6 fev. 2010. Disponível em: <https://www.alcinea.com/sem-categoria/dona-dica-congo-partiu>. Acesso em: 3 set. 2025.

LADRÕES DE MARABAIXO – Sala de Notícias – Canal Futura. YouTube, [s.d.]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xxhu6RIwmcw>. Acesso em: 4 set. 2025.

LOBATO, Sidney da Silva. A cidade dos trabalhadores: insegurança estrutural e táticas de sobrevivência em Macapá (1944-1964). Belém: Paka-Tatu, 2019. 377 p.

MEMÓRIAS DA CULTURA AMAPAENSE>AS DUAS VENINA'S DO MARABAIXO DO AMAPÁ. Porta- Retrato – Macapá/Amapá. Blog de João Lázaro, 22 set. 2010. Disponível em: <https://porta-retrato-ap.blogspot.com/2010/09/Folclore-e-tradicoes-de-macap.html>. Acesso em: 2 set. 2025.

REFERÊNCIAS

ORIGENS DO MARABAIXO. Marceloggonzalez (blog). Marcelog González, 13 fev. 2012. Disponível em: <https://marceloggonzalez.blogspot.com/2012/02/origens-do-marabaixo.html>. Acesso em: 5 set. 2025.

PENNA, Yvens. GENGIBIRRA: CHAMEGO DE MARABAIXO A BEM QUERÊNCIA LAMBE O TACHO. Mixology News, 7 mai. 2021. Disponível em: <https://mixologynews.com.br/05/2021/biomas-do-brasil/gengibirra-marabaixo/>. Acesso em: 5 set. 2025.

PROJETO AMAPÁ DE COR E CULTURA encerrará com apresentações de Marabaixo às margens do rio Amazonas. Blog de Rocha, 30 ago. 2019. Disponível em: <https://www.blogderocha.com.br/projeto-amapa-de-cor-e-cultura-encerrara-com-apresentacoes-de-marabaixo-as-margens-do-rio-amazonas/>. Acesso em: 4 set. 2025.

VIDEIRA, Piedade Lino. Marabaixo, dança afrodescendente: significando a identidade étnica do negro amapaense. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

VIDEIRA, Piedade Lino. Dança do Marabaixo: cultura Afroamapaense em evidência. In: CONGRESSO NACIONAL DA FEDERAÇÃO DE ARTE E EDUCADORES DO BRASIL, 18., 2008, Crato. Anais... Crato: EdURCA, 2008.